

LITTERATURA MARANHENSE.

SELECTA

DOS

TREZ AUCTORES CLASSICOS

MANOEL SARDINHA, LOUREIRO SIQUEIRA E FABIO EWERTON.

708

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

JOSÉ DE CAMPOS BOTELHO.

MARANHÃO.

Impressor — o Edictor José de Campos Botelho
Typ. Conservadora.

LITTERATURA MARANHENSE.

BAM

869.898

B74815

DISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras

SELECTA

DOS

BIBLIOTECA PÚBLICA
"Benedito Leite"

São Luís - Maranhão

TREZ AUCTORES CLASSICOS

MANOEL SARDINHA, LOUREIRO SIQUEIRA E FABIO EWERTON.

JOSÉ DE

Impre

Advertencia.

BIBLIOTECA PÚBLICA

ESTADO DE PARANÁ

Antes de começar esta versão, — tarefa nimiamie pesada para nossas debeis forças. — hesitamos, paramos, desfallecemos ante a supposta magnitude da *empresa*.

A simples leitura do folheto, porém, desvanecen-nos todo receio.

A supposta dificuldade, imaginavamos, de não podermos imitar a correção, a sublimidade e grandiloquencia do texto, converteu-se em breve na dificuldade quasi insuperavel de o vertermos conservando-lhe fielmente as incorrecções.

Assim procuramos dar uma idéa mais ou menos exacta do original, vertendo-o quasi litteralmente, anotando ligeiramente a versão sempre que foi preciso.

Deixamos contudo de fazer muitas observações, porque, em boa e leal verdade, formaríamos um grosso volume se quizessemos notar todos os defeitos do original, que parece ter sido escripto ou dictado por pessoa instruida, e copiado por ignorante e negligente.

Certamente não podemos nem queremos escurecer a dificuldade grande, que encontramos, de acompanharmos o auctor em sua vasta erudição: cita *sanscrito, grego, latim, suéco, russo, polaco, allemão, inglez, italiano*, porém com tamanha infelicidade que quasi todas as citações que faz, especialmente em latim, allemão e inglez, são incorrectas.

Assim, em uma nota em que elle cita uma palavra em sanscrito e grego, encontramos tanta dificuldade que julgamos conveniente chamar em nosso auxilio o sabio latinista dr. Martiniano M. Pereira; mas diziam nos, que s. s. não entendia da materia, e outros que, ainda que entendesse, não accederia ao nosso pedido, por ser advogado do *deutor* Sardiuba.

Faitando-nos, além d'isso, se reproduzissem a palavra em sanscrito, grego, recorremos a outras, e final, traduzimol-a litteralmente, assim: sanscrito, *kakela*; grego, *kól*.

Colimmos tambem que *u* que traduzimos por *u* tem um som muito semelhante ao *u* francez, de modo que a palavra grega sda quasi como a latina, soa equivalente, *coccyz*, qm se tradoz por *cuco*.

Deixamos de transcrever a these nas *doze linguas* em que está escripta, por não nos ter sido humanamente possível, apesar dos grandes esforços que empregamos. Mas, sendo o nosso fim pôr ao alcance de todos que sabem ler somente a lingua patria o documento authentico da sabedoria do *doutor* Manoel da Silva Sardinha, cremos ter preenchido o nosso intento.

Elevar o *doutor* Sardinha á altura do seu grande saber: eis a nossa primeira idéa; mas... recuamos!

Tentamos depois apreciar o seu character; mas... impossivel!

No meio d'estes *tentumens* preferimos a vulgarisação dos seus talentos de en-
volto com outros, igualmente grandes e admiraveis: Fabio Ewerton e João Homem de Loureiro Siqueira.

Na cultura intellectual—Manoel Sardinha, Fabio Ewerton e João Homem—são verdadeiros gigantes na republica das letras; todos, cada um no seu genero, representam a excellencia e pureza da litteratura maranhense.

A que ficção reduzidos—Sotero, João Lisboa, Odorico Mendes, Gomes de Souza, Candido Mendes, Henriques Leal—em presença d'esses trez vultos que se erguem entre nós, como o carvalho em *bosques* frondosos!...

Excepção feita do eminente *doutor* Sardinha, os seus dois outros preclaros congeneres escreveram nas horas vagas do trabalho suas obras immortaes.

Fabio Ewerton era official de justiça e escreveu as notaveis *Fabeidas*; tambem Izac Taylor, gravador de padrões para os fabricantes de chita em Manchester, escreveu a *Historia Natural do Enthusiasmo*; João Stuart Mill, Carlos Lamb, Peacock, Edmundo Norris (o philologo), foram simples empregados.

João Homem é lavrador, escreveu em prosa e verso o que pôde-se querer de mais sublime, divino. Tambem os primeiros grandes litteratos da Italia não eram homens de letras, mas homens do trabalho. Villani, auctor da melhor historia da Florença, era negociante; Dante, Petrarca e Boccaccio estiveram empregados em mais ou menos impurtantes embaixadas.

Manoel Sardinha, estudou sciencias naturaes, mas recebeu apenas as summas honras de *doutor* em *philosophia*, conferidas por um *doutor* em theologia. Tambem Galileo, Galvani e Farini eram medicos, Gladoni advogado; e, entretanto, foram homens eruditos, mas não tanto como Manoel Sardinha, como attesta a these escripta em *doze linguas*.

Verifica-se em Sardinha o que Montaigne disse:—«Se os grandes philosophos eram ominentes na sciencia, muito mais o eram na acção... pois todas as vezes que haviam sido postos á prova (como Sardinha o é agora) a altura a que se elevavam mostrava serem dotados de alma nobre e terem grande conhecimentos das *cousas*».

Podíamos n'este proposito de comparações e exemplos muito escrever em abono e recommendação dos *trez auctores*; mas como o que mais os recommenda ao apreço publico são as suas obras, colutimo-nos de excoetar ao leitor, julgando bastante entregar-lh'as ao seu juizo—taes

Fique, porem prevenido, que não podemos criticar a these que vemos, mas unicamente recommendar ao publico o seu auctor—portador da these em *doze idiomas*!

Que se faça justiça ao auctor, é o que desejamos: nada mais nem menos; com justiça isto fazemos nós em varias notas que em ordem alphabetical se encontram nos seus devidos logares.

INTRODUÇÃO.

O Cucu é uma das aves mais notáveis como as mais conhecidas do mundo antigo. Quinze seculos antes de Jesus Christo, elle foi celebrado nos hymnos sagrados da India; a mythologia grega fez d'elle uma das aves predilectas do senhor (a) dos deuses, e as legendas ingenuas da idade média estão cheias de mil passagens curiosas sobre sua origem e vida.

No ponto de vista dos estudos scientificos, elle fórma um dos capitulos mais interessantes da ornithologia: com effeito seus costumes estranhos e excepçoes tem d'alguma sorte feito d'elle uma monstruosidade no meio dos seres de sua especie.

Desde Aristoteles e Plinio até nossos dias, philosophos e naturalistas não tentado a porfia dar conta de seu genero de vida e explicar o phenomeno do parasitismo que elle apresenta, sem que possa affirmar-se que tenha algum d'elles chegado a levantar o véo, (b) que parece encobrir seu mysterioso instincto.

As poucas paginas que seguem não tem sequer a pretensão de expôr theoria alguma nova sobre o Cucu: tem por fim inteira e simplesmente mostrar a origem das crenças fabulosas que desde tantos seculos ligam-se ao Cucu, examinar as diversas theorias a que seus costumes tem dado logar.

Dividirei este trabalho em tres partes: na primeira fallarei do Cucu, em quanto animal fabuloso ou mythologico, na segunda exporei seus caracteres zoologicos, e na terceira discutirei as theorias a que estes tem dado logar.

Man gehe hinaus in die freie Natur, man sehe die Thiere in ihrem Leben und Wirken. J. E. Neumann.

I

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

O Cucu Fabuloso

As primeiras noticias escriptas que temos do Cucu nos vem dos poetas da India.

O Kukulá era para elles o que em todo tempo o rouxinol tem sido para os poetas germanicos. Achavam alguma coisa de magico em seu canto e qualificavam-no de *hridayagrahin*, isto é, o que arrebatava o coração. Com effeito sua voz sonora, que se faz ouvir subitamente na solidão das florestas, como no silencio das noites, seu apparecimento na primavera, no momento em que em a natureza tudo renasce para vida e alegria, seu desaparecimento pelo fim do estio, sem que fosse possível saber, nem d'onde elle vinha, nem para onde ia, nem ainda como se reproduzia, todas estas circumstancias reunidas não podiam deixar de fazer impressão na imaginação dos povos; e, numa época em que uma ignorancia ingenua personificava todas as for-

(a) Cremos que o auctor se refere a Jupiter, que todavia não era *'e maître*, o senhor, senão *le plus puissant des dieux*, o mais poderoso dos deuses.—*Jupiter, ou Júpiter, Jôvis, m. Virg. Jupiter, f. de Saturno, a quem os Gentios adoravam como a Deus do Ceu, e o maior dos Deuses...* Mag. Lex. 390. Jap.—

(b) O auctor, que não observa uniformidade na pontuação, ora separa por virgula o pronome relativo da palavra a que elle se refere, ora deixa de o separar, quer a intenção seja restrictiva, quer seja explicativa.

(c) Prof. Kuhn, Indische Studien.

(c) da natureza para d'ellas fazer outras tantas divindades, o Cucu devia ser o objecto dos cantos dos poetas e devia achar um logar privilegiado nas crenças populares.

No Ramayana (1,66) o deus Indra toma a fôrma do Cucu para seduzir Vivamitra. 2) Da mesma sorte o Zeus dos Gregos, que é o representante do deus indiano, vai transformado em Cucu, ter com Juno no monte Thornax.

Os indianistas referem que o Falcão era muitas vezes o emblema de Indra como deus do trovão; o Cucu representava então «o raio occulto nas nuvens.»

Esta relação com o deus do trovão é até bastante natural; as primeiras trovoadas geralmente se fazem ouvir na época (e) em que começa o Cucu a cantar. Mas como os raios do sol e os do relampago tinham a mesma origem aos olhos da multidão.

O Cucu representava igualmente «o sol occulto nas nuvens.» 3) O Cucu era pois na antiguidade o representante d'uma dupla crença: era primeiro a fôrma sob a qual se occultava a divindade e depois uma personificação das forças da natureza.

Esta dupla fôrma, sob a qual apparece elle nas tradições da raça indo-européa, applica muito bem as crenças populares, que inda em nossos dias se ligam a seu nome, e tem tido voga não só nas legendas, mas ainda na sciencia.

Com effeito, se o Falcão é o emblema do deus do trovão e se o Cucu representa o raio, comprehendemos que os antigos naturalistas tenham podido ser levados a pensar que este último nascia do Falcão; é com effeito o trovão que outrora produzia o raio (f). Plinio diz que o Cucu é um Falcão, que muda de figura, (g) em certa época do anno. 4) Já Aristoteles faz menção d'estas idéas, e as expõe com boas razões. 5)

(e) Cremos que seria mais adequado o substantivo *potencias*, mas o auctor diz *forces*, e não *puissances*.

(f) Que o cucu devia ser *objecto de cantos de poetas*, vá; mas que elle devia ser objecto dos cantos dos poetas, não. Antes do cucu estavam as paixões, os sentimentos ternos, *in primo loco* o amor, mas não o amor ficticio, senão o natural, puro, candido, innocente, como souberam pintar Virgilio e Camões... (Vide poetica utilidade da poesia.)

2) Vid. Weber., Indische Studien.

(e) Vide nota (b)

3) Prof. Kuhn, Indische Studien.

4) Prof. Kuhn, Indische Studien.

(f) Que blasfemia! Não é o trovão consequencia do raio?
Relampago, trovão e raio.—O encontro de duas nuvens differentemente electrificadas, ou carregadas de electricidades oppostas, produz o *relampago*, que não é mais do que a fâisca electrica occasionada pelas duas nuvens, acompanhando-o a explosão que denominamos *trovão*; e, quando uma d'estas nuvens communica com o solo, produz-se o terrivel phenomeno, que se chama *raio*, que destruo tudo quanto encontra. (Encyclop. do Pev. e das Esc., Meteorologia, pag. 564.)

(g) Reparai nessa pontuação.

6) *Coccyz ex accipitre videtur fieri tempore anni figuram mutans.* Hist. Nat. 1.º, No. 44. Acha-se esta crença nas velhas legendas da Allemanha, onde se diz que de-

Alberto o Grande o fazia nascer d'uma Pomba e d'um Gavião: (h) *cuculus nam componitur ex columba et sparverio; alius ex cotumba et asture.* (6) Izidoro de sua parte sustentava, e esta crença é ainda hoje vivaz em muitos campos da França, que é o Milhano, que todo anno traz o Cucu em suas asas das regiões ginguas que elle habita 7).

Muitos naturalistas teem quebrado a cabeça para achar a explicação d'esta transformação maravilhosa: Chenu que em sua Encyclopedia da historia natural tem dado particularidades sobre o Cucu pensa, que é preciso procurar-lhe a causa no desapparecimento dos filhinhos do ninho em que nasce o Cucu, o que lhe teria feito entrar costumes e voracidade d'ave de rapina. Nenhum d'elles até aqui tem pensado procurar a solução do problema nos contos da antiga mythologia (8).

Se d'outro lado o Cucu tem sido uma personificação do sol, occulto nas nuvens explicamos sem difficuldade como Plinio — que ignorava a origem da transformação — pode pretender que quando o Cucu se approxima d'uma cidade e retinha, é signal certo de chuva. O Cucu nunca entra nas cidades, é intencionalmente o sol (=Cucu) que annuncia o máo tempo, quando se occulta nas nuvens (=cidades). 9) Esta crença tem-se perpetuado até nossos dias em várias comarcas da Allemaoba: 10) diz-se na Prussia que, quando o Cucu se levanta das casas, vaé chover logo, e que, se elle gritar muito na primavera, a estação seguinte será chuvosa. 11)

Plinio diz n'outra parte que um Cucu, envolvido n'uma pelle de lobra, produz somno. Se compararmos esta asserção com o que foi dicto do Kokiu tomamos a

pois da festa de S. João, festa de Thor e época em que não se lhe ouve mais nada, o Cucu transforma-se em Falcão. *Zeitschrift für deutsche Mythologie III.*

(h) Segundo a citação latina, não é só d'uma pomba e d'um gavião que nasce o cucu, senão tambem de pomba e abutre.

6) Bellonius de avibus II. 29, *falco cuculi parens communi proverbio dicitur.* Em Plutarcho (Vita-Arati), o Cucu pergunta ás outras aves porque ellas fogem sua aproximação; estas lhe respondem que vêem já nelle o futuro falcão.

7) A aguia, o falcão, o abutre, o gavião, o Milhano representam nas magalhães nas legendas pouco mais ou menos o mesmo papel: os auctores d'estas crenças não teem prestado attenção senão aos caracteres geraes pelos quaes as aves se assemelham, sem pensar em suas differenças especificas. Vid. Gubernatis *Gli animali nella mitologia*, II. 2.

8) Buffon pensava que o que tem podido dar occasião a esta pretendida metamorphose do Cucu em Gavião, é que estas duas aves não se acham quasi em todos os climas ao mesmo tempo, e que se assemelham pela plumagem, pelo tamanho e pelo vôo.

9) Aldrovandi se fez egualmente no XVI seculo, o interprete d'esta crença popular. *Ornithologia* 1.424.

10) *Moman de superstitionibus hodiernis e gentilissimo residuis.*

11) *Alte Preuss. Provinzialblatter XXIV 536. Neue preuss. Provinzialblatter 328.*

ção d'este estranho soporifico: quando o véo da noite encobre o sol, o somno apodera da terra. 12)

Mas como ninguem sabia como o Cucu desaparecia, admittio-se que elle era immortal, que era sempre o mesmo Cucu, que todo anno se fazia ouvir na flores.

(3) Ora se elle é immortal, é preciso que tenha visto tudo, e que saiba tudo (j). Este caracter, e ainda mais o de ser ao mesmo tempo uma das fórmias de que se vestia a divindade lhe teem valido em todo tempo o dom de *predicção*. No vedas já prediz o futuro. 14) Grimm 15) cita uma velha chronica polaca, segundo a qual antigos Slavos o interrogavam para saber o numero d'annos que lhes restava a vi- 16)

cham-se vestigios d'esta antiga crença em muitos logares da Suissa e da Alle-
ha.

a Suecia as moças se dirigem ao Cucu para saber em quantos annos se casarão.

- Göker gra°
- Seg mi da°
- Hur manga a°r
- Jag ógift ga°r 17)

2) Se Plinio sustenta que o falcão come o enco (absumiter ab accipitre IX. 1) sentimos logo que temos que fazer com uma transformação da legenda india- que não é outra coisa senão o trovão (Indra- Falcão) cuja approximação parece o sol (Cucu.) (*)

3) Deutsche Mythologie P. 643.

Como da supposta *immortalidade* do cucu pôde o auctor inferir a *ubiquidade* *miscienciã* do mesmo cucu? Immortal, não mortal, é o que não perece, e não o vio tudo e tudo sabe. Para que o cucu tenha visto tudo e tudo saiba, é preciso seja eterno e omnisciente. Immortal é a alma humana, mas ninguem dirá que tenha visto e saiba tudo. (O traductor.)

4) Rigveda' II. 42. Vid. de Gubernatis, loc. cit.

5) Tenho muitas vezes ouvido dizer a Piemontezes «vechio com un cuculo», e indicarem uma idade avançada.

6) Præcique litabatur ab iis, qui primum contum Coculi audivissent, ominantes tunc se victuros quoties vocem repetisset. Opinabantur enim supremum univer- moderatorem transfigurari in cuculum, ut ipis annuntiaret vitæ tempora.

7) Strv Mythologie 317. O numero dos gritos que elle dá indica o numero d'an- que ellas ainda teem de esperar; se a ave cauta por muito tempo dizem que pousada n'um galho magico e sua prophecia neste caso não tem valor algum. p. Momán, de superstitionibus hidierois p. 53.

8) *Absumiter* ou *absumitur*?... Mas é assim que muita gente cita hebreu, gre- latim, italiano, hespanhol, portuguez, francez, allemão, inglez, dinamarquez, hol- ez, sueco, polaco, russo, vasconço, sanscripto, arabe, persa, chinez, japonéz, use ou bunda, typy !.....

quando o citador esteve oito, quinze dias, um mez, seis mezes em um paiz lingua diz saber, então ninguem se lhe pôde oppôr; quinze dias de estada em tres, por exemplo, lhe vale muito mais allegar ainda que diga *nonsense*, tolice, or estudado o inglez cinco, seis ou nove annos fóra da Inglaterra.

Aristoteles pretendia que o Cucu era muito molle, 18) os ornithologistas da idade moderna fizeram uma excepção quanto aos Milhanos, que dizem o acompanharem em bandos numerosos. Na Noruega, a crença popular lhe dá por companheiro um par sarinho chamado gaekisök; 19) este ultimo é chamado *Káo sultane*, isto é, criado e Cucu na Esthonia. 20)

A primeira asserção explica-se muito bem pelas relações mythologicas do Cucu com o Falcão (=Milhano); a segunda reponza sobre um facto veridico, somente o companheiro não é outra coisa senão a mãe alimentadora do Cuquinho.

Se certas crenças populares mudam o Cucu em Falcão, depois da festa de S. João, tradições não menos antigas, mencionadas por Aldrovandi, e admittidas até nestes ultimos tempos, lhe fazem accumular provisões no ouco de certas arvores e al passar o hyverno.

Veremos mais longe que esta opinião não carece d'um fundo de verdade. Cuquinhos tem com effeito sido encontrados, pelo fim do outomno, no ouco de certas arvores cuja abertura não era bastante grande para deixar passar a ave.

Este facto deve ter sido observado desde os tempos mais remotos, pois a antiga mythologia germanica falla já de Cucos que, na approximação dos frios, se retiram á *ouca tilia*, arvore sagrada de Holda para ali passar o hyverno em sociedade dos sylphos. 21).

Antes de terminar o capitulo, devo ainda fazer observar que os auctores das lendas allemãs parecem ter admittido esta particularidade tão importante na historia do Cucu, que o numero das femias é muito maior que o dos machos. As velhas canções populares lhe dão com effeito um numero de femias que varia entre seis e quatorze; canta-se no norte da Allemanha:

E' o Cucu um rapagão
Que tem sete mulheres
Só em cada cantão.

Der Kukuk ist ein braver Mann,
Der sieben Frauea halten kann.

o Cucu Canóro.

O *Cuculus Canórus*, ou Cucu Canóro (Cucu vulgar, Cucu pardo da Europa) é o typo do genero *Cuculus* de Linneu. (1 Este genero constitue o quinto da familia das Imberbes de Vieillot e o penultimo da familia dos Cuculeos de Lesson. R. Gray, Charles Bonaparte e Chenu o collocam na familia dos Cuculinos; Geoffrois de Saint-Hilaire dá á familia o nome de Cuculidas; Cuvier não falla senão da familia dos Cucos. Beilon, auctor do primeiro livro de Ornithologia um pouco positivo que tem sido pu-

18) Arist. Hist. Anim. IX. 29. O Cucu é molle, e é por causa de sua mollezza que elle põe seus ovos nos ninhos d'outras aves, e este mesmo motivo o impede de criar seus filhinhos. Arist. Generat. Anim. III. 1. O Cucu é perseguido por todas as aves.

19) Pantoppidan, Naturgeschichte von Norwegen.

20) Hupels, Topographischer Lexicon II. 443.

21) Wovato, Zeitschrift für deutsch Mythologie II. 94.

colocado (a) põe o Cucu com os esmerilhões, engole-ventos e morcegos na ordem das aves de rapina; com annos mais tarde, *Johnston*, o classificou com os falcões e Milhãos (b); *Linneu* lhe assignou enfim seu verdadeiro logar na escola zoológica mettendo-o nos números (c) dos trepadores.

Opel sustentou, ha annos, no *Journal Ornithologique* (1838 p. 307) que haveria logar de o considerar como fazendo a transição entre os canivoros e os phytophages.

O genero (d) *Cuculus* contém varias especies que estão espalhadas na Europa, Asia, Africa e Occidente; a America só não possui representante algum d'elle.

Os caracteres zoológicos do Cucu são os seguintes:

Bico de corno largo, assaz deprimido na base, menos comprido que a cabeça, arqueado, pouco robusto e quasi arredondado em cima, comprimido gradualmente dos lados até á ponta que é aguda e inteira.

Ventos baixos, ametade embaraçadas com as pennas pequenas da frente, lateraes, bordadas em uma sorte de membrana, e redonda.

Asas compridas subobtusas; a terceira penna a mais comprida; a primeira e a quarta, como a segunda e quarta de igual comprimento.

Cauda comprida, arredondada e espontada, sempre composta de dõze pennas.

Pés amarellos (e) tarsos muito curtos ametade empennados, do terço apenas do comprimento do dedo externo anterior que é o mais comprido dos quatro, depois o posterior correspondente, o interno do mesmo lado ao pollegar o mais curto; os dous anteriores ligeiramente soldados na base; unhas proporcionadas, arqueadas, e agudas (f).

Ha muito poucas aves cuja plumagen seja tão sujeita a variar, segundo a idade dos individuos, como a do Cucu; esta differença é ainda tão grande que durante muito tempo tem sido tomadas por especies diferentes Cucos novos d'um anno; tal tem sido o caso com o *Cucu rubro* ou *Cuculus rufus s. hepaticus* de *Leineu*.

No fim d'um certo tempo porém a côr da plumagem parece adquirir uma certa firmeza, e apresenta no macho os caracteres seguintes:

O sito da cabeça e do corpo, comprehendidas as coberturas da cauda, as coberturas pequenas das asas, as grandes mais vizinhas das costas e as tres pennas, que ellas cobrem d'um lindo cinzento, as coberturas grandes do meio das asas escuras, manchadas de ruço e terminadas de branco, as mais afastadas das costas e as dez primeiras pennas da asa d'um cinzento carregado (g) as seis pennas seguintes pardas, (h) marcadas dos dous lados de manchas ruças, terminadas de branco; o collo e o ante-collo d'um cinzento claro, o resto da parte inferior do corpo listrado transver-

a) Ahí falta uma virgula.

b) Reparaí nessa virgula depois de *Johnston*, sujeito simples e imcomplexo, não separado de seu verbo por circumstancia alguma. Notaí a irregularidade de escrever falcões com letra inicial minuscula, e Milhãno com letra inicial maiuscula.

c) *Nos numeros* é traducção de *aux nombres*, expressão incorrecta; em bom francez diz-se *au nombre*, no numero.

d) E' o que se lê no original, les genre; mas deve ser *le genre* o genero.

e) Ahí falta uma virgula. (f) Que descripção confusa! (g) Ahí falta outra virgula.

h) Ahí temos um ponto e virgula por uma virgula.

salmente de côr escura sobre uma base de côr branca turva; as pennas das coxas do mesmo modo, cabindo de cada lado sobre o tarso á maneira de puños de camisa, tarso guarnecido exteriormente de pennas cinzentas até á metade de seu comprimento, as pennas da cauda fuscas e terminadas de branco; as oito intermediárias salpicadas de branco na costa e do lado interior, as duas do meio salpicadas do mesmo modo e na borda exterior, e a ultima das lateraes listrada transversalmente da mesma côr; a palpebra e o iris côr de avelã, ás vezes amarellas; a palpebra interna muito transparente; o bico negro por fóra, amarello no interior; os angulos de sua abertura alaranjados, os pés amarellas; um pouco d'esta côr na base do bico inferior.

A femia d'uma certa idade assemelha-se inteiramente ao macho, sômente ella é um pouco mais pequena.

As femias novas apresentam em sua plumagem uma differença notavel; são ruças nas partes superiores com listras transversaes fuscas na cabeça, no pescoço, nas costas e nas asas; pequenas manchas irregulares no uropigio; e listas diagonaes negras, semelhantes a V virados nas barbas das pennas da cauda, que termina com uma listra da mesma côr e outra branca, emfim nos talos das pennas pontinhos brancos alterando com as listras diagonaes; o pescoço, o peito, os lados e o ante-collo arcuivados; o abdômen, as coxas e as pernas brancas com listras transversaes, como nas pontas superiores.

É a femia nova antes da idade de tres annos que sob a denominação de *Cuco ruivo* (*Cuculus rufus*, seu *hepaticus* de Leineu) tem passado durante tanto tempo por ser uma especie particular do genero *Cuco*. Naumann affirma ter igualmente encontrado *Cucos* ruivos machos.

Parece que o *Cuco* ruivo é communissimo no Sul da Europa e que torna-se tanto mais raro, quanto mais se avança para o Norte. Esta particularidade é como de facto, attribuida a causas climatologicas, sômente haveria logar de indagar, se a femia não conserva a tincta ruiva um anno mais no Sul que no Norte.

Segundo as informações que me foram fornecidas por um joven naturalista de Upsala, pareceria com effeito, que a femia do *Cuco* toma desde o primeiro anno sua plumagem definitiva na Suecia e Noruega.

Um empalhador de Copenhague affirmou-me egualmente que nunca tinha visto fêmeas ruivas que tivessem mais d'um anno.

O *Cuco* é uma das aves mais espalhadas que se conhecem: á excepção da America acha-se d'alguma sorte em todos os paizes do globo, desde as regiões polares até as ilhas da Sonda. Habita a Scandinavia até o cabo Nordkyn; acha-se nas branhias dos arredores de Tanager e na parte septentrional do Fez; encontra-se com uma pequena differença na coloração da plumagem nas Indias Orientaes, em Timor, Tomate, Borneo e até no Japão.

É de notar que de Meldendorf não vio na Laponia russa, nem na Islandia; nem tam pouco elle tem sido visto nas ilhas Canarias, ainda que percorra toda a região, (a) situada entre essas ilhas e a Africa. O *Cuco* chega a Europa central pelo meiado do mez d'Abril; uma velha canção allemã fixa sua chegada em 14 de abril.

Wann der Kukuk ränfet ser rechten Tid.

Ränfet he vörlein Dage vor Sant Vit.

(a) Repara-se a'essa virgula que separa o subs. região do adj. situada.

Em média a gente ouve-o em Stuttgard a 16 d'abril, em Munster da Pomerania, a 28, em Quenstedt ao sul do Harz a 2 de maio, em Schonen a 9, na Lapônia, 64° —66.º A—N, a 28º e em Karemaando 68.º A. N. a 2 de junho. E' preciso notar, (b) que não são sempre os paizes mais situados para o Norte, que elle visita em ultimo logar, pois elle pára muito mais tempo no meio das terras que ao longo das costas. Geralmente elle volta a seu domicilio habitual em epochas muito irregulares; citam-se porém casos em que a irregularidade entre um anno e o outro tem sido bastante sensivel. Os Cucos chegam isolada e successivamente aos nossos paizes (c).

Os machos vivem solitarios occupando cada um uma especie de cantão, um espaço bastante circumscripto no qual ficam o estio (2); a femia ao contrario percorre um espaço muito mais consideravel, passa uma vida algum tanto vagabunda e aventureira, vae d'um cantão ao outro,ahi faz escolha d'um macho com o qual se cõpula, e logo que tem posto o producto d'essa cõpula, vae procurar um novo macho para o abandonar logo como o primeiro. (3)

Os Cucos estão espalhados quasi por toda parte sem distincção: acham-se nas florestas, em planície e nas montanhas, nas montas, perto dos lagos e das correntes d'agua.

Em geral, elles affaiçoam-se ás altas mattas entremoiadas de claros, como os logares mais favoráveis a seu genero de vida.

E' na parte superior das arvores mais frondosas que elles se occultam; mas, vê-se tambem empoleirarem-se nas selvas, nas pedras, nas medas de feno etc. para ahí espreitarem a passagem d'uma prêsa. O Cucko bate asas ao partir, e desfila depois com um cer'o adejo; o seu vôo é ligeiro; mas é acompanhado de violentos batimentos d'asas, e quando o vento é forte, vôam mal. Assim em soas transmigrações, os Cucos, são elles obrigados (d) a fazer pausas frequentes, e não podem elles dar uma longa caminhada.

Ainda que voando em adejos, elles são bastante senhores de sua direcção para passar sem embarago por entre o tecido irregular formado pelos ramos das mattas.

Tão ligeiros são nos ares, quanto ineptos são no chão onde não avançam senão saltando. Assim percorrem elles voando as distancias mais pequenas. Quando atravessam um campo, tomam o vôo e elevam-se nos ares;mas approximando-se de suas moradas, mudam de vôo e rastejam quasi pelo chão. (1 Vivem particularmente de insectos (2) sobretudo a (e) lagartas vellosas, cuja pelle é expulsa depois da digestão, fóca do bico. (3 D'ahi vem (f) que as paredes do estomago são tapetadas d'um pêllo fino e pennugento que lhe dá uma apparencia de pelle de rato.

Por Wilson, que primeiro verificou este facto no *Cuckoo* americano. (4 Naumann o observou por sua vez no estomago dos Cucos da Europa e deo a explicação d'elle. Segundo elle teria elle sua causa no movimento peristaltico do estomago, que permitiria implantarem-se esses pêllos na tunica interior d'esse organ e toraal-a vellosa como um vello.

b) No original nota-se a falta do anjeito apparente *il*.

(c) Aos nossos paizes? No Brazil não ha cucko, meu doutor a martello. O caso é de dizer: pega o ladrão.

d) Encontra-se no original osse erro de concordancia.

Os Cucos são pois, como eu disse mais acima, e assim como provou Van Mons. em uma memoria lida na Academia de Bruxellas (16) polygamas, como muitos gallinaceos, isto é, que basta um macho para varias femias.

«Ha annos, diz elle, pelo fim de abril, conseguí pegar em laço, em um bosque dos arredores de Paris um Cuco femia que eu acabava de ver retirar-se a um ninho e depositar sobre a herva um ovo de Arveloa. Para tornal-o reconhecivel, eu lhe colorei as asas com tinctura escarlata e fixei-lhe na cabeça um pedaço de panno vermelho; depois lhe dei liberdade. Tres dias depois eu a vi noutro cantão e durante mais de seis semanas eu a segui e tornei eu encontrar successivamente no cantão de cinco ou seis machos, com dous dos quaes eu a vi copular-se» — Esta observação não prova mais em favor da theoria de Naumann do que m'o fazia o exemplo d'uma gallinha copulando-se com dous gallos diferentes.

O macho empoleira-se ordinariamente no cimo d'alguma arvore, é lá que á espera da femia, elle se agita e muda a cada instante de logar repetindo incessantemente o grito: *cu-cu, cu-cu cu-cu*, interrompe as vezes por um estertor seudo tal, pouco mais ou menos como o de uma pessoa que escarra, e como se elle pronunciasse — *crú-crú*.

Mantheillard refere que a femia faz ouvir um grito bastante sonoro composto de varias notas: *gõ-gõ-guêr-guê-guê*, que ella alterna muitas vezes com um carejo *glu-glu*, repetida muitas vezes (e).

Quando a femia tem escolhido um macho, fica com elle um dia ou dois, e entrega-se com furor aos prazeres do amor.

Florent Prévost pretende que a cópula é muitas vezes repetida—trinta vezes e mais no mesmo dia; mas segundo elle esse excessso dura pouco; e d'esde o terceiro dia os dous amigos começam a se desprezar, a femia deixa o seu privilegiado da vespera para escolher um novo. (17)

Sabe-se d'esde ao menos 35 seculos que os cucos não chocam seus ovos (18): com effeito pela relação dos indianistas a gralha traz muitas vezes nos Vedas o nome de anyabnail, isto é, a que sustenta os outros.

(e O sr. Manoel vae cumprindo fielmente o que promette em sua *lucida* introduccão: ainda não teve se quer a pretensão de apresentar theoria alguma nova sobre o cuco: em tudo quanto até aqui tem *lucidamente* exposto, ha citado suas auctoridades, ainda que já vae citando opiniões a torto e a direito, sendo um empalhador de Copenhague a auctoridade mais sympathica que elle acaba de invocar deixando todavia de o nomear. Mas, dado que esse empalhador seja um personagem real, que tenha affirmado não ter visto femias, isto é, cucos femias ruivas, de mais d'um anno, sua affirmação não merecia sequer ser mencionada, e eis porque: Não constando de *registro* algum o nascimento das aves, não pôde um empalhador saber exactamente a idade dos cucos; e, ainda que lhe fosse possível saber-a do não ter elle visto cucos femias ruivas de mais d'um anno, não podemos inferir que as não haja. Era, por tanto, desnecessario invocar a auctoridade d'um empalhador, a não ser qua o senhor Manoel pretendia, como não oppomos, empalhar os seus illustres e sapientissimos examinadores *ad summam in philosophia honores capessendos*.

Ora sabemos que é justamente no ninho da gralha (19) que o Cucu de Bengala (20) deposita seus ovos.

O nosso Cucu (f) leva seus ovos aos ninhos das aves que se alimentam exclusivamente de insectos. Se ovos (g) têm sido as vezes encontrados em ninhos de granívoros, taes como a Rôla e o Trocaz, tem havido n'isso simplesmente um descuido da femia que se deve attribuir á impossibilidade em que ella se achava de guardar mais tempo o ovo.

Conhece-se hoje uma cincoentena d'aves no ninho das quaes se tem encontrado na Europa ovos de Cucu, taes são a Toutinegra ordinaria, a Toutinegra de cabeça negra, a Toutinegra garrula (h), o Pintarrôxo, o Rouxinol, o Verdilhão, &c.

Quando a femia vae pôr o ovo (i), vê-se ella rastejar a terra, ou deslisar-se ao longe das sebes procurando algum ninho conveniente cujos proprietarios estejam ausentes. (21)

Vieilled cita um caso em que o Cucu (j) quiz a força depositar o ovo em um ninho de Pintarrôxo, occupado pela mãe (k); não foi depois de ter experimentado de sua parte uma resistencia obstinada que o Cucu se decidiu a se retirar.

Quando a femia tem posto o ovo, não se aparta sempre immediatamente, como

f) *Nosso Cucu*? Não entendemos o auctor! A pagina 8, linha 9 diz o sr. Manoel: «Os cucos chegam isolada e successivamente aos nossos paizes», sendo maranhense, e por tanto americano; diz não haver cucos na America, e depois fallando da chegada do cucu á Europa, escreve: «Os cucos chegam isolada e successivamente aos nossos paizes».

Agora, para tornar incontestavel a crenga de que nem se quer leu o que assignou, repete inconscientemente: «O nosso cucu».

Não o entendemos, sr. Manoel: s. s. diz ter nascido em uma cidade brasileira *cui nomen est Maranhão* (sic); s. s. afirma não haver cucos n'America, e fallando do cucu d'Europa, diz—«notre coucou»—o nosso cucu!

Ou s. s. esquece-se da sua nacionalidade, ou pelo menos essas duas partes de sua these não foram escriptas por s. s., senão por um europen.

g) Ovos de que ovipara? De cucu, certamente; mas o auctor o não diz.

h) Lê se em «o nouveau Dictionnaire Portugais—Français» de J. I. Roquete: «Garrulo a, adj. habillard, habileur, pailant d'un homme; gazouillard, que romage sans cesse, parlant d'un oiseau.» Tra uzimos pois muito bem o original, sem todavia conservar a impropriedade do adj. *habillard*, que traduzimos pelo adj. *garrula*, que se diz tanto das pessoas como das aves, ao passo que, segundo a citação que fazemos, *habillard*, e, diz-se propriamente das pessoas.

i) O complemento—o ovo é redundante, mas encontra-se no original.

j) *Le coucou*. O artigo definido *le, o*, ante-posto ao substantivo *coucou*, *cucu*, faz suppor que o auctor falle d'um cucu determinado, ou do genero *cuculus*; mas o sentido mesmo da phrase indica bem claramente que elle trata d'um cucu indeterminado d'um individuo da familia dos cucos.

O auctor, portanto, errou empregando o artigo definido *le, o*, pelo indefinido *un um*.

k) Mãe d'elle, do pintarroxo.

pensa Buffon, olvidando completamente sua progeneritura (l) Florent Prévost refere, (m) que tendo descoberto um ninho de Arvéola, no qual um Cucu acabava de pôr um ovo, vio este no espaço de quatro horas voltar mais de cincoenta vezes ao mesmo lugar ora pairando n'elle ora passando com rapidez (29)

Os ovos são muito pequenos: relativamente ao tamanho da ave, não sendo maiores que os do Rouxinol, mas de forma menos alongada.

A côr é sujeita a grandes variações: elles são, diz Dagland, ou cinzentos ou arruivados, ou esverdinhados, ou azulados com pintas pequenas e grandes, raras ou numerosas, d'um cinzento carregado, vinosas, aseitonadas ou trigueiras com alguns pontos e ás vezes traços delicados fuscos (30).

Certos auctores pretendem, que estas côres variem segundo os annos e a localidade.

O Cucu é certamente a unica ave cujo ovo varia assim d'uma tinta para outra, sobre tudo de branco turvo mais ou menos acinzentado para atrigueirado e esverdinhado. Ora como os ovos de côr cinzenta, mais ou menos atrigueirada ou arruivada so têm muitas vezes encontrado nos ninhos de Toulinegras de ardim, e os d'uma tinta verde ou azulada têm sido quasi sempre tirados dos ninhos do Rouxinol das paredes ou d'Armadilha; varios naturalistas disso têm concluido que a femia do Cucu podia a seu sabor, e segundo as precisões do momento, variar a côr de seus ovos e os assimilar d'alguma sorte com os da ave á qual ia confiar o seu (31)

Nós examinaremos mais tarde o que se deve pensar d'esta estranha theoria.

Como tem achado as vezes dous ovos de Cucu no mesmo ninho, tem sido levado a crêr que o Cucu tornava o seu primeiro ninho para lhe confiar sua nova postura. (32) Parece hoje estabelecido que é um caso excepcional, é até provavel que na maior parte dos casos seja outra femia que tem posto o segundo ovo.

O Cucu não parece pôr os ovos senão por series de dous. Florent Prévost que abriu varias femias na época dos amores nunca lhes achou senão dous ovos, um no oviducto e prestes a sahir, outro ainda agarrado no ovejro ou um só á entra-la do oviducto, e no ovejro o involtorio rasgado d'um ovo recentemente sahido.

Em ambos os casos os ovulos eram sempre pouco mais ou menos eguaes em grossura. (33)

Quando a femia deve pôr, não deixa o cantão do macho com o qual se acha; põe ordinariamente os dous ovos em dous ou trez dias (34)

Ella abandona então seu macho e passa a outro com o qual dá-se de novo ao amor, e não é assim senão depois d'um espaço de cerca de dous mezes que ella tem posto todos os ovos. É o que explica porque se acham Cucos novos não só em Maio e Junho, mas tambem nos mezes de Julho e Agosto.

l) Admira que o auctor malbarate o tempo com uma questão ridicula como essa. Em nossa humilde opinião, o testemunho de F. Prévost, quando muito, não é mais fidedigno que o de Buffon.

m) O auctor tem a mania de separar com vírgula as orações completivas d'aquellas cujo sentido ellas inteiram.

O numero de ovos que as fêmeas põem durante *sua estada na Europa* varia de seis a dez.

Uma das principaes questões que se propuzeram os observadores uma vez admittido o facto do deposito dos ovos do Cucu em ninhos estranhos, quasi sempre d'uma ave muito pequena relativamente a elle, foi a de saber como se atava o Cucu para operar esse deposito clandestino. Punha elle directamente no ninho ou antes do lugar onde punha, para ali o transportara, e por qual meio ?

Certos ninhos são muito pequenos para que o Cucu possa assentar-se dentro e lá pôr directamente o ovo; outros que recebem ovos de Cucu são situados em ocos d'arvores cuja abertura é muito estreita para dar passagem à mãe.

A solução do poblema parecia tão difficil, a falta de toda informação positiva, que naturalistas tinham admittido que o Cucu punha os ovos pela boca.

Foi Le Vaillant, o naturalista-viajor que mais derramou luz sobre os mysteriosos habitos dos Cucos, que primeiro verificou que é pela boca que estas aves transportam os ovos, facto que depois foi confirmado por outros naturalistas. (35)

Tem-se constantemente notado, que raramente os passarinhos, nos ninhos dos quaes é introduzido um ovo de Cucu chegava a ponto; ou os ovos e seus restos appareciam abaixo do ninho, ou ainda todos ou alguns dos filhos do proprietario tinham desaparecido. D'isso tinham concluido durante muito tempo, uns que as mães matavam seus proprios filhos para bastar a voracidade de sua cria estranha, e este é o maior numero, forte com a auctoridade de Leineu, que a mãe Cucu, ou ainda o Coquinho, uma vez sahido da casca, devoravam elles mesmos, quer nos ovos antes que tivessem sido chocados, quer os filhinhos logo (x) sua sahida da casca (36).

Não ha em todas estas narrações senão uma falsa interpretação d'um facto verdadeiro em si mesmo, a saber: que os filhinhos desaparecem, ainda quando são de especies que se aninham no chão ou em buracos, cujo orificio é estreito, sem que possa affirmar-se positivamente se é da parte do Coquinho um acto instinctivo ou puramente accidental.

Ed. Jenner relere que o Coquinho mette-se debaixo de seus companheiros peqgenos e tracta de os pôr às costas, e arrasta-se depois para traz até a boca do ninho, por cima do qual atira sua carga. O mesmo observador fez outra experiencia de que poderia concluir-se que é realmente o instincto de seu bem estar que leva o Cucu a fazer assim; pois tendo achado no mesmo ninho uma Tentinegra e dois Cucos de novo sahidos da casca, vio estes dois ultimos se disputarem por muito tempo a posse do ninho; Cada um d'elles levava successivamente seu antagonista até à borda e tornava a cair depois até o fundo, acabruhado debaixo do peso de sua carga; mas o maior conseguiu depois de muitos esforços, lançar fóra seu competidor, assim como a Tentinegrinha, e elle só foi criado (37).

(x) Este—x—indica um vocabulo que o auctor deixou incognito, e que supponemos a preposição—*après*—depois de, com a qual forma-se a locução prepositiva—*aussitôt après son eclosion*—logo depois de sua saída da casca isto é, logo após do seu nascimento—

Somente pôde perguntar-se aqui, como os filhinhos podem desaparecer num ninho de Melharuco, sempre collocado no fundo d'um buraco d'arvore, e cuja entrada é geralmente muito estreita. A resposta é bem simples, se se pensar na extrema voracidade de um Cuquinho; este adquire no fim de muito poucos dias um desenvolvimento consideravel relativamente a seus companheiros e é impossivel da maneira de que elle se acocora no fundo do ninho que estes não se achem em breve lançados á beira e se apresentem diante de seu enorme bico como um pasto natural trazido pela mãe (38)

Quanto á questão de saber, se realmente os paes do Cuquinho devoram ás vezes a ninhanda nova, não me parece que a unica observação de Naumam pae, que diz ter visto uma femia de Cuco lançar ella mesma fóra do ninho os filhos da ave, e os dois citados por Passier e Dybwschy nos auctorizam a concluir assim como fez Ch. Dumont, que são sempre os paes do Cuco que se encarregam de expulsar a ninhada estrangeira a fim de não expôr os filhos a carecer de alimento (39).

Uma só couza parece bem estabelecida; é que o Cuco femia ás vezes leva um ovo do ninho; Flourent Prévost com effeito suprehendeu um Cuco femia retirando do ninho e depositando na herva um ovo de Arvéloa Jules Verreaux refere de sua parte, no diario de sua viagem ao cabo da Boa-Esperança, que vio um pôr seu ovo no chão, depois arrojat-se ao ninho que tinha escolhido para o depositar (n) n'elle furtar um d'este mesmo ninho e o comer para vir buscar de novo o seu que substitua a esse por meio do bico.

O que tem parecido em todo tempo bastante extraordinario é que os passarinhos, que abandonam tão facilmente seus ovos, quando a mão do homem taca em seu ninho, não façam difficuldade alguma em continuar o trabalho da incubação, quando é o Cuco que vem desarrajar seu ninho. Veremos já que o facto é bem simples e se explica sem difficuldade.

Plinio conta que, quando o Cuquinho uma vez que tem sahido da casca não tarda adquirir uma mediez extraordinaria, relativamente aos outros filhos que sua boa cara captiva a mãe, que se regosija de sua belleza e admira-se de ter dado ao mundo uma tal progentura.

A comparação lhe faz condemnar os seus como estranhos, e ella sofre até que se repaste nelles a seus olhos; depois elle acaba por agarrar a a ella mesma quando elle está em estado de voar (40)

A verdade é a seguinte: desde que os filhos tem sahido da casca, tem um grito de chamada particular, que a força do instincto imitador torna-se tão agudo como o das Tontinigras e dos Pintarroxos suas amas; elles repetem a cada instante esse grito de chamada todo abrindo um largo bico cuja ex-

(n) *Depositar* quer dizer pôr?

Não podemos comprehender como um cuco femia possa depositar um ovo em qualquer parte senão por meio de *postura*, salvo o caso de ter posto um ovo de arvéloa... que maravilha! Outra, porém, mais interessante ouvimos contar. Um sujeito vio amubar-se um gallo, e pôz-se a espreital-o; pouco depois desanubiu-se o gallo, o sujeito correu ao ninho e, encontrando um ovo, concluiu que o gallo tinha posto. Chocado o ouvinho, sahio uma *osquinha*!

pressão elles augmentam pelo movimento de suas azas. Desde que suas azas estão bastante fortes, sêvem-se d'ellas para perseguir sua ama nos ramos vizinhos, quando lhes traz a bicada.

São crias insaciaveis ás quaes os passarinhos como a Toutinegra e o Rouxinol tem trabalho de fornecer a subsistencia necessaria.

Os Cucos comem muito tarde sós, e tem necessidade até á partida dos enclados de sua mãe adoptiva.

Vio-se, entre outros exemptos singulares da ternura com a qual certos passarinhos criam o Coquinho uma Arvêlo a qua descuidou-se de partir com suas companheiras para não abandonar sua cria, que se tornára demasiado grande para sair pelo buraco, onde lóra depositado grande ovo.

Altoim verificou do mesmo modo que quando se põe em liberdade Coquinhos, criados em gaiola, vê-se logo acudir os passarinhos para lhes dar a bicada (41).

E' este facto, assim como o que mencionamos mais acima, que tem dado lugar á creença popular, de que faltamos no capitulo precedente.

Os novos tem o bico, os pés, a cauda e o baixo do corpo, pouco mais ou menos como no adulto, excepto que as pennas compridas das azas são embaraçadas no canudo; quanto ao resto sua plumagem apresenta uma variação extraordinaria.

Frisch (42) diz que os Coquinhos criados nos bosques têm a plumagem menos variada, mais chegada á plumagem dos Cucos adultos, que a dos Coquinhos criados em gaiola. Buffon pretende ao contrario, que os numerosos Cucos selvagens que vio, não tinham as côres menos variadas que os que mandou criar até o tempo da muda. E' provavel que os Coquinhos selvagens que Frisch achou mais semelhantes a seus paes eram mais velhos que os Coquinhos domesticos com os quaes os comparou. Buffon pretende que os Cucos são capazes d'uma sorte de educação. Affirma que um de seus amigos tinha um Cuco domesticado que vinha á sua voz e o seguia á caça, empoleirado em sua espingarda; quando elle encontrava em caminho uma gijjeira-ganafal, veava para ella e não voltava senão depois de se ter fartado inteiramente.

Olina vae mais longe e diz que se pôde ensinar o Cuco para caça vão, como os gaviões e os falcões; é provavelmente um erro occasionado pela semelhança de sua plumagem com a do gavião. Olina aliás é o unico que assegura este facto.

Os Cucos mudam duas vezes por anno: uma vez em nossos climas, (*) com uma lentidão extraordinaria; e a segunda durante sua emigração (42).

O Cucos partem sempre com sua primeira plumagem; mais quando, por acaso têm perdido algumas pennas, as que renascem têm a côr da plumagem seguinte. Grande copia partem antes do fim de sua muda; e têm sido ás vezes encontrados no inverno em buracos d'arvores, Cucos ainda em uma completa muda e inteiramente desprovidos de pennas (43). Buffon falla de quatro Cucos criados em

(*) Em nossos climas? Não ha mais duvida: esta these é escripta por europeu, que por mais que tratasse de esconder-se, deixou a calca á amostra, e bem patente o furto do titulo de doutor...

gnola que, ao aproximar do inverno, tornaram-se sarnentos, e caluram antes de morrer, em uma especie de indolencia e intorpecimento.

Vimos mais acima que a crença popular muda o Cucu em Miliano, depois da festa de S. João. Com effeito desde o meado do julho, ouve-se-lhe mais raramente e só de manhã e de tarde; pelo fim do mez elle já se apresta para a partida. Se d'elles se encontram ainda no mez de Setembro, e até no mez de Outubro, esses retardatarios não podem ser senão novos do anno, nascidos demasiado tarde para ter podido partir com os outros.

Os Cucos partem isoladamente e durante a noite. Durante o inverno detem-se nas partes septentrionaes da Africa; é só excepcionalmente que se alevantam até o centro da Nubia. (44) Brehm porém viu um, a 5 de Setembro, nos arredores de Harthum dirigindo para além, para o Sul (45).

Antes de terminar este capitulo quero ainda tornar attento aos serviços eminentes, que presta esta maravilhosa ave. Sabemos já que ella se alimenta principalmente de lagartas e que é dotada d'um appetite insaciavel, favorecido pelo desenvolvimento extraordinario do estomago.

Ora, é nos cumos das arvores que a lagarta exerce suas terriveis devastações, e é justamente ahi, onde a industria do homem é incapaz de levar remedio ao mal que o Cucu estabelece sua residencia de predilecção e consuma sua obra de destruição. Lá, elle passa dias inteiros, sem se dar por assim dizer nem tregua nem repouso, unicamente occupado a engulir uma lagarta depois de outra; e apenas se interrompe ás vezes sua tarefa por um chamado dirigido ás femas dos cantões visinhos.

Alum que matou centenas d'estas aves, ficou surpreso cada vez da quantidade enorme de lagartas engolidas de fresco que encontram em seu estomago.

Um Cucu morto, a 21 de Junho nos arredores de Monster continha 43 d'ellas; em outro, morto em um carvalho a 24 de Maio, achou 97 lagartas processionarias que tinham já o tarço de seu desenvolvimento (46).

Alum alem d'isso verificou que nos logares onde as lagartas se achavam em grande quantidade, o numero dos Cucos, que vinham nutrir-se d'ellas, era ás vezes considerabilissimo. Elle notou uma vez a morada prolongada d'um Cucu em uma sebe de sabugueiro, onde fervilhava o Bombyx Menthastris; elle não fazia senão comer da manhã á tarde; depois de sua partida não foi possível descobrir uma só lagarta. No mez (**) de Setembro, elle viu um dia seis Cucos passar uma semana inteira em um campo de batatas; aticou u'om e achou seu estomago litteralmente embuchado de lagartas (T r e p h a n a p r o n u b a e l A g r o t i s C o r t i c e a).

Hameyer refere um facto verdadeiramente extraordinario e de que elle mesmo foi testemunha: em 1847 um bosque pequeno de cerca de 10 hectares, taha sido devastado pela *Lepasis Monacha*; quando elle por lá passou no mez de Julho do anno seguinte, lá vio, com grande espanto seu uma centena de Cucos es-

(**) Foi sem duvida onçada nossa emendar o original, traduzindo-o como se nelle se lêsse *mais e não moi*, mim, eu; mas, perdor-nos o auctor, pois sem a emenda a traducção ficava extremamente ridicula, isto é, seria «no mim» ou no eu de Setembro.

voaçar através das arvores e laboriosamente occupados em dar caça aos insectos. Examinando de perto elle verificou que a mesma lagarta tinha ainda exercido seus estragos; ao fim d'alguns dias todas as lagartas tinham desaparecido (47).

Homeyer pretende que cada um d'esses Cucos devorava mais de 10 lagartas por miuto; mas não tomemos senão 2 lagartas e contemos o dia de 10 horas (Julho): acharemos que 100 Cucos consumiam por dia 192:000 lagartas; ora, como elles tinham ficado 15 dias no bosque, tinham destruido ao menos 2:880000 lagartas.

Se levarmos em conta o que acaba de ser exposto, não poderemos deixar de reconhecer com Altum que de todos os animaes que habitam as florestas da Europa, nenhuma é chamada a prestar um concurso mais efficaç para sua conservação como a ave cuja historia acabamos de esboçar.

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

As theorias.

Acabamos de vêr que a historia do Cucu apresenta tres phenomenos d'uma importancia capital no ponto de vista zoologico, e cujo caracter anormal tem singularmente embaraçado os naturalista desde Aristoteles até aos nossos dias.

Se d'um lado o facto de vêr uma ave fortar-se á lei que segue todas as outras aves e recusar-se de tomar a seu cargo o cuidado de sua progeneritura é realmente alguma cousa de estranho e extraordinario, d'outro lado o facto do Passariño que põe tanta complacencia em se encarregar do cuidado do Cucu não tem sido um menor objecto de surpresa e admiração para os naturalistas. E se cumprisse dar credito a certos observadores, este phenomeno não teria nada de extraordinario, em comparação da maravilhosa faculdade que possuiria o Cucu de poder a seu sabor pôr ovos de toda côr e assimilar assim o producto de sua postura com o da mãe a quem o confia.

Vamos vêr o que deve pensar-se d'esses tres phenomenos começando pelo ultimo.

Vimos mais acima que os ovos do Cucu apresentam uma grandissima variação de côr, variação tão grande até que não está inda hoje estabelecido se existe o que se poderia chamar um «verdadeiro» ovo de Cucu.

Diz-se que ovos de côr cinzenta mais ou menos trigueiras ou roças se têm encontrado em ninhos de Tontinegras de Jardim, de Pintarroxas e Verdellhões; ovos d'uma tineta verde ou azulada têm sido tirados de ninhos de Rouxinol e Traquet. (a)

Ora, os ovos d'estas differentes aves têm uma coloração tão chegada á dos ovos do Cucu queahi foram depositados. Sabe-se que o Cucu do d e b i c o g r o s s o, põe seus ovos no ninho do C o r v u s S p l e n d i d u s e do C o r v u s C u l m i a n t u s cujos ovos são exactamente a mesma côr.

Varios naturalistas impressionados d'esta conformidade de tineta, e não podendo admittir que uma ave pudesse encarregar-se de chocar ovos differentes do seu, admittiram que a natureza obrou em favor do Cucu uma dupla maravilha, concedendo-lhe a faculdade de poder variar a seu sabor a côr de seus ovos e fugir a que distingue o ovo da especie da ave no ninho da qual a femia Cucu tem t e n ç ã o de depositar o seu.

Esta theoria já antiga achou nestes ultimos tempos novo defensor na pessoa de Kunz (1) de Glager (2) e Chenu, suctor da Encyclopedia de historia natural. (3)

Notemos logo que uma theoria não tem valor scientifico senão em quanto os factos sobre os quaes ella se basea apresentam um caracter fixo e invariavel, e são uma demonstração directa do problema a resolver. Esta condição essencial-faz completamente falta aqui.

Estabelecamos primeiro como principio que qualquer que seja a variedade apparente na coloração dos ovos, todas as tinetas se reduzem a dois tons, o ver-

(a) Diga-nos, senhor doutor, o que *ussia* entende por *traquet*: se uma armadilha, *son rossignol de traquet*, outro animal, ca i nul ou irracional etc., para que possamos dar-lhe uma traducção exacta d'essa palavra. . .

de e o vermelho escuro: jamais um ovo póle ter três côres. Ora, é um facto communissimo vêr os ovos d'uma mesma especie d'ave variar suas tintas entre essas duas cores: a grande Andorinha do mar põe ovos uns trigueiros, outros pardos; os dos casaes novos são até quasi sempre verdinhos.

E' rarissimo que o ultimo ovo da postura da Gralha, do Choucas, do Gavião, do Pardal etc. não fira a vista fortemente por sua coloração sobre os outros; entre os Alciões osmatizes parecem até alternar assaz regularmente.

Pelo que respeita pois ao primeiro ponto da questão, o facto de vêr o Cucu pôr ovos de côr differente não tem em si mesmo nada de anormal.

Quanto ao segundo ponto da questão concernente á conformidade de côr dos ovos de Cucu e dos do passarião, respondemos muito simplesmente, que se esta conformidade de coloração tem sido realmente verificada em certos casos, póde tambem citar-se numerosos exemplos do contrario; e quem nos assegura, que entre todos esses ovos, que nos têm sido dados por ovos de Cucu, não tenha havido um gradissimo numero, que não eram outra coisa senão os ovos dos pequenos estranhos (b), com uma simples variação na côr. (4)

Quanto ao argumento tirado do Cucu de bico grosso, póle oppôr-se-lhe o exemplo d'uma especie de Cucu observada por L^e Vaillant: «os ovos do Edolío, diz este naturalista, são absolutamente brancos sem mancha alguma; eu os tenho achado nos ninhos das Toutinegras de cabeça ruça, da Arvé da escura, do Corypheo, da Toutinegra citrino (c) do Papamoscas Mantellado. D'elles eu tenho achado emfim vinte e oito em outros tantos ninhos d'aves insectivoras.»

Concluamos do que precede que nada nos auctoris até aqui admitir a existencia d'uma lei particular, que derogue as leis geraes em favor do Cucu.

O que haveria antes de perguntar-se aqui, é qual póde ser a causa d'esta variação de côr tão constante e tão pronunciada nos ovos do Cucu?

Deve attribuir-se ao estado de saúde da ave, á abundancia da postura, ou á natureza da dos alimentos, como affirmou Moquise Tandon (5); ou antes seria ella devida á influencia da localidade na qual os ovos foram postos (6): (4)

Se o facto é realmente verdadeiro; assim como certos naturalistas o referem, que tem havido annos, em que todos os ovos do Cucu (e) achados em uma le-

(b) *Petits étrangers* é o que se lê no original traduzido litteralmente, quer dizer pequenos estrangeiros ou estranhos, ou estranhosinho. Mas o mesmo original mostra que seu auctor se refere a des petits di seus, passarinhos.

(c) O auctor commette um erro de concordancia,—o que aliás é muito natural—empregando *citrin*, no genero masculino, quando o devia empregar no feminino visto ser um adjectivo qualificativo biforme e qualificar um nome do genero feminino.

Só a bôlos ! . . .

(d) Esqueceu-se do ponto de interrogação. Só a bolos!

(e) *Du coucou*, do cucu, diz o auctor. Nós, porém, achamos melhor, mais correcto que escrevesse do Coucou, pois que não se tracta d'um cucu determinado, nem sequer do genero Cucu, senão d'alguns cucos, do cucu.

Só a bolos!

calidade tinham todos (6) a mesma coloração (7), teria todo logar pensar que este phenomeno deve achar sua explicação em uma das causas, que acabamos de enumerar.

Sem querer entrar em particularidades a este respeito, tomarei a liberdade de suggerir aos naturalistas, que se occupam da questão, a idéa que ha porventura em relação intima entre o desinvolvimento da plumagem do Cucu e a coloração de seus ovos. Se considerarmos d'um lado que sua plumagem é mais sujeita a variações do que a de não imposta qual outra ave, e se virmos d'outro lado que basta uma mudança de côr nas pennas de nossas gallinhas para lhes fazer pôr ovos pardos (8) não acharemos nada de inverosimil na hypothese que eu acabo de propôr.

Passemos ao segundo ponto.

Vieillot não podia admirar-se bastante da complacencia da ama do Cucu, «que esquece tão facilmente seus proprios ovos e filhos para entregar-se toda inteira aos cuidados que exige este estranho (9).

Elle cria com effeito, baseando-se nas quarenta experiencias de Lothinger, que a maior parte das aves recusam-se de chocar os ovos das outras não fazendo uma excepção senão para os do Cucu.

Todo o mundo sabe o que deve pensar-se d'estas famosas experiencias de Lothinger, feitas a maior parte em aves vivas em gaiola ou em aves que tinham desamparado de seus ninhos. Allás não ha nada de extraordinario em que o passarinho choque um ovo differente do seu pela côr; vimos mais acima que os ovos d'uma mesma postura apresentam muitas vezes uma grande opposição de côr, e todavia ninguem jamais disse que uma d'estas aves tenham deixado seu ninho á vista do «Monstro» que ella acabara de nelle descobrir. E depois ee temos conhecimento dos numerosos casos em que os passarinhos chocam os ovos do Cucu, ignaramos aquelles em que o passarinho tem abandonado seu ninho depois da visita d'este hospede singular.

Está bem assentado hoje que a paixão de chocar, que parece ás vezes tão forte nas aves, não determinada a taes ou taes ovos, nem a ovos fecundos, pois que muitas vezes ella os comem ou quebram, nem a ovos reaes, pois que chocam ovos de giz, de pão etc, que por consequencia uma gallinha choca faz nascer seja um ovo de Cucu, seja qualquer ovo estranho substituido aos seus, não faz nisso senão seguir um instincto commum a todos os animaes e que é assim completamente inutil recorrer á existencia d'algun instincto particular para explicar o procedimento dos passarinhos que chocam o ovo do Cucu.

Quanto ao ponto particula mente anormal na historia do Cucu, principalmente o de ver uma ave privada do instincto da incubação, tem recebido as mais estranhas como as mais oppositas explicações.

Aristoteles e Plinio imaginavam que o Cucu não choca, porque sa-

(6) Inda nessa parte deixa o auctor escapar um erro grave, que religiosamente conservamos, assim como fizemos com outros muitos, que julgamos melhor deixar sem observação, porque, se quizessemos anotar todas as incorrecções do original, faziamos um grosso volume por demais insulso.

sendo-se perseguido de todas as outras aves, vê-se obrigado a usar de artificio para pôr sua raça em segurança (10).

Plínio dizia: *Causa subijiciendi pullos putatus quod d sciatse invisam cunctis avibus* (11)

Montbellard considerava o acto da femia que deposita seus ovos em um ninho estranho como uma medida de precaução, tomada pela mãe para furtar seus ovos á voracidade do macho. Feita abstracção, que e las duas aves não se junctam, esta hypothese se refuta pela simples consideração que muitas especies da ordem dos gallinaceos e dos palmipedes, em que a femia se acha nesta situação defronte do macho, não põem porisso seus ovos nos ninhos de especies estranhas.

Le Vaillant tinha achado uma explicação bastante ingenhosa do phenomeno que nos occupa: pensava que a femia era muito ardente em demasia e tinha o sangue quente de mais para fornecer a seus ovos a temperatura média necessaria: a incubação teria falhado em consequencia d'um excesso de calor, como se observa muitas vezes nas gallinhas e peruas

Le Vaillant esquecia aqui que o exemplo das gallinhas e peruas não permittem conclusão alguma: são animaes domesticos cuja natureza a cultura fez degenerar e muitas vezes até modificou completamente. Quantas aves não se conhecem que se acham nas mesmas condições physiologicas que o Cucu, e que todavia chocam seus ovos com successo? Haveria antes logar de sustentar que o calor desenvolvido pelo Cucu está abaixo da temperatura exigida para o exito da incubação (12)

Buffon diz que o Cucu não se encarrega dos cuidados da incubação, porque a muda d'esta ave tem apenas acabado no momento em que ella volta para entre nós, e que assim a grande parte do alimento que ella toma é quasi inteiramente absorvida pelo crescimento das pennas, e não pôde assim fornecer senão muito pouco á reproducção da especie.

Por esta razão a femia não pôe senão um ovo, ou quando muito dois, e não tendo assim recursos para o acto principal da geração, a incubação e educação de seus filhos.

Não ha nada que responder á theoria de Buffon, pois que só o facto no qual ella se basea não está provado: é uma simples affirmacção, mas não uma demonstração.

Outros têm procurado a causa d'este singular phenomeno em uma conformação anormal do corpo da ave. Varios anatomistas, á frente dos quaes acha-se Herissant (13), célebre medico do seculo passado, pensam que o acto da incubação é impossivel no Cucu, por causa da posição do estomago, que nestas aves é situado abaixo das circumvoiuções intestinaes, em contacto com as paredes abdominaes, em lugar de ser, como em todas as outras aves, collocado em cima. Suppõem que a dureza d'este organo, sobre tudo quando está cheio de alimento, devia ter por effeito quasi certo, na posição que a ave é obrigada a tomar quando choca, comprimir os ovos e os quebrar com facilidade nos movimentos os mais habituaes, ao mesmo tempo que a digestão seria impedida. O facto-anatomico tem certamente logar; mas a consequencia d'elles se tem tirado é evidentemente forçada, pois entre o estomago e os ovos existem sempre os papedes do

abdomen, e este estomago mesmo antes é membranoso que muscular, d'onde se pôde concluir que a pressão não pôde ser sufficiente para quebrar os ovos.

De mais conhecem-se várias outras aves, como as Corujas por exemplo, entre as quaes a mesma disposição organica tem lugar (14): o estomago é em baixo em contacto immediato com as paredes do abdomen, e todavia estas especies chocam perfeitamente seus ovos.

Haveria antes lugar de attribuir ao grande volume do estomago dos Cuculos uma influencia indirecta sobre o volume dos ovos; é com effeito muito admissivel que o fraco desenvolvimento dos órgãos da geração do Curo, e por tanto o volume relativamente pequeno do ovo, seja causado pelo desenvolvimento extraordinario do estomago (15).

A l t u m, Professor da Academia florestal de Neustadt, que tem dado tão preciosas noticias sobre os serviços prestados pelo Curo nos bosques, vê unicamente nesta ave, um agente de destruição, encarregado pela natureza da missão toda especial de salvar as florestas dos estragos da lagarta, tarefa tão importante e que exige tamanha e tão constante actividade que a natureza não pôde o encarregar d'outra que o teria embarçado no cumprimento da primeira (16).

É muito difficil, para não dizer, impossivel, responder á argumentação que precede, no que ella sabe completamente do dominio da sciencia positiva para entrar no da sciencia especulativa. Mil argumentos e theorias são perfeitamente accetaveis nesta ultima esphera, sem que seja necessario para isso que repousem em uma base verdadeiramente scientifica; assim totalmente achando a explicação supra insufficiente, podemos muito bem, collocando-nos no ponto de vista do auctor, partilhar de sua maneira de vêr.

F l o r e n t P r e v o s t tomando em consideração o ardor constante e verdadeiramente extraordinario d'essas aves para a cópula, chegou á conclusão que d'esse ardor mesmo que não permitindo á femia chocar seus ovos e criar seus filhos, tornou necessaria a presença d'um instincto, que dispensa a de tomar cuidado de sua progeneratura (17).

Esta ultima theoria foi acolhida favoravelmente pelos naturalistas francezes e tem hoje voga em todas as escolas da França.

Mas é exactamente uma razão satisfactoria que dá nosahi o erudito naturalista francez? Não devêa elle indicar antes a causa d'esse ardor estranho, e dizer-nos porque elle se prolonga durate dois mezes consecutivos? Conhecem-se além d'isso muitas aves tão inteiramente ardentes para a cópula como o Curo, e todavia esse ardor tão forte não os impede de fazer um ninho e chocar.

Emfim varios naturalistas allemães e inglozes tem admittido que a causa inicial e final do instincto particular do Curo é a lentidão extraordinaria com a qual elle põe seus ovos.

Os longos intervallos d'uma postura á outra teriam com effeito para resultado que no momento, em que, depois de ter posto seu ultimo ovo, o Curo se puzesse, emfim a chocar, os primeiros ovos estariam já arruinados; e pelo contrario a ave se puzesse a chocar antes do acabamento completo de sua postura, aconteceria que os primeiros ovos teriam desabrochado, antes mesmo que os ultimos fossem postos. Ora tem parecido impossivel que uma incubação se pudesse dar em condições semelhantes (18).

Ha uma resposta bem simples a esta theoria, e que destroe immediatamente todo o valor d'ella, é que o *Culicú. Cuculus Americanus* apresenta justamente esta particularidade de ter seu ninho ao mesmo tempo cheio d'ovos e filhos de toda idade (19).

Em resumo pois, nenhuma das theorias que temos exposto, nem a ultima mais que as que precedem, dá-nos uma solução racional e sufficiente do problema que nos occupa.

Resta-nos examinar a explicação que a questão pôde receber no systema de Darwin.

Notemos primeiro que tudo que a theoria de Darwin põe a razão de ser dos costumes parasiticos do Cucu fóra das causas physiologicas e anatomicas; para elle é um *phénomène puramente instinctivo*, o que eu poderia traduzir em termos vulgares, servindo-me da expressão pouco fantástica d'um naturalista francez, dizendo que se o Cucu não põe, é inteira e simplesmente porque não tem vontade!

A primeira vista pode parecer estranho vêr o grande naturalista ingloz desembaraçar-se d'uma questão, que durante seculos tem atormentado o cerebro de tantos sabios, levando-a inteira e simplesmente á conta do instincto; veremos porém que no systema do auctor ella acha uma explicação tão simples como plausivel.

Antes de engetar a solução proposta per Darwin, eu devo entrar em alguns *detalhes* (1) preliminares.

Demos primeiro bem conta, não tanto do que é o instincto,—a coisa se comprehendendo melhor do que é possível explical-a, mas das faces differentes sob as quaes elle se apresenta.

Ha um instincto que se pôde chamar *accidental*, e outro que se pode chamar *essencial*, o instincto *accidental* é o que não tem sua razão de ser necessaria, que poderia muito bem não ser, ou ser differentemente sem que a conservação da especie por isso soffresse, e cuja causa nas escapa muitas vezes: tal é o instincto do Pombo Cambathoteiro (20), tal é o que impelle o velho Cucu a pôr seu ovo no ninho do vizinho, e que leva o Coquinho a expulsar de seu leiteo seu irmão de leite.

O instincto *essencial* é o que, admittida uma vez a natureza animal, é a condição *sinéquial* da conservação da especie.

É *absolutamente* essencial, quando está tão intimamente ligado a organização mesma do individuo que constitue d'algum modo função organica: tal é o instincto da incubação.

É *sórelativa* mente essencial quando não tem sua razão de ser senão nas condições normaes ou *accidentaes* da vida do individuo, e comporta a possibilidade de varias e modificar-se na medida, em que essas condições mesmas podem estar sujeitas a modificações: tal é o instincto a emigração das aves, instincto que cessará de se manifestar no dia, em que as condições climatologicas do globo não forem mais as mesmas.

Sabe-se que, á excepção d'alguns—cases, em que o instincto é tão intimamente ligado á natureza do animal que sua manifestação é indispensavel á conservação da especie, Darwin considera o instincto como o resultado d'uma *accomodação*

de hábitos anteriores, contrahidos progressivamente e combinados com a acção da selecção natural durante uma longa serie de geração. Assim para explicar o instincto do Pombo Combilhoteiro, Darwin admite que em uma epocha remota em que este pombo não existia ainda como especie tinham-se achado d'um a outro tempo pomboes que mostravam um certo pendor para esse singular genero de vôo, e que tendo sido observada esta disposição, se tem procurado desenvolvê-la por uma longa e cuidadosa selecção, até obter finalmente uma verdadeira raça de Pombos Combilhoteiros.

«Supponha mos agora, diz Darwin, que o antigo progeñitor de n'osso Cucu da Europa tenha tido os hábitos do Cucu da America, que ora choca seus ovos ella mesma e ora os deposita nos ninhos de outras aves, que elle não tenha senão accidentalmente posto seus ovos, ou que elle tenha somente posto os primeiros ou os ultimos ovos dos seus chocados no ninho de seus vizinhos. Se a ave tirou vantagem d'esta circumstancia, ou se as avesinhas abandonadas tornaram-se mais vigorosas estando confiadas a uma mãe adoptiva, do que ficando aos cuidados de sua propria mãe (embaraçada, como ella não podia quasi deixar de estar entre seus ovos e suas avesinhas de diferentes edades, que lhe era preciso a um tempo chocar e criar, e de mais apertada que ella estava para emigrar muito antes da estação fria) concebe-se que um facto ao principio accidental tivesse podido tornar-se pouco a pouco um habito vantajoso á especie.

Pois toda analogia nos induz a crer que as avesinhas, assim chocadas e criadas por paes estranhos, terão herdado mais ou menos do desvio do instincto que levou sua mãe a abandonal-os. Ellas se terão pois tornado de mais a mais dispostas a depositar por sua vez seus ovos no ninho d'outras aves, tanto mais porque suas ninhadas terão tido melhor exito com esta educação de emprestimo. A origem do estranho instincto do Cucu se explica assim naturalmente em tudo e por tudo pela continuação d'este processo durante longas gerações. —

Sem querer atacar o fundo mesmo da theoria, tenho duas objecções a apresentar.

A principio a explicação tal qual nol-a dá Darwin é insufficiente; o auctor não vae ao fundo da questão. Admittindo que em uma certa epocha o *Cuculus Canorus* mostrava já o instincto que o distingue hoje, mas só a e c c i d e n t a l m e n t e; isto é, que seus hábitos não estavam ainda regulados, Darwin esquece-se de esclarecer seu ponto de partida.

Elle não faz senão nos explicar como esse instincto parasitico primitivo poude desenvolver-se em n m m o i a e n t o d a d o, ao passo que elle devêra nos mostrar, e o m o u l l e n a s e c c o, e que é inteiramente differente.

Vale com effeito a pena indagar qual pôda ser a causa mysteriosa que fez nascer no Cucu essa disposição a não confiar ao principio senão a e o i d e n t a l m e n t e seu ovo aos cuidados de seus vizinhos.

Uma causa deveo preexistir nelle; sem isso não haveria razão porque outras especies não partilhariam hoje dos hábitos dos Cuculos.

Ora bem, é essa causa primitiva que nos devemos indagar.

Em segundo lugar eu nego que o termo i n s t i n c t o convenha ao phenomeno tal como elle se apresenta a nós (21).

Notemos ao principio que a questão é complexa e comprehende dois factos bem differentes:

1.º o Cucu põe o ninho dos outros.

2.º o Cucu não chora a elle mesmo.

Ora estas duas cousas são realmente bem distinctas.

A primeira é um caso muito ordinario e que se apresenta com todos seus graus intermediarios, desde a Pega, que se apodera do ninho das outras, até o Perigua, que chora em common.

A segunda, é, o facto da não incubação, não o constitue um instincto, mas a ausência d'um instincto.

O instincto da incubação é um instincto essencial, em toda a força do termo; sem elle não podemos conceber a conservação da especie; (b) este instincto se manifesta constantemente, sem graus intermediarios, e não apresenta em toda a classe das aves senão uma derrogação em favor do Molothras e do Cuculu; é para assim dizer uma função organica, não menos essencial á ave que a gestação ao mamífero.

Como poder-se-hia admittir que este estado parasitico seja um estado natural, um estado co-existente e com a origem da especie?

Não é uma monstruosidade que é impossivel qualificar de instincto, é a ausência do primeiro e d'alguma sorte do mais importante dos instinctos.

É um facto incontestavel que não só instinctos preexistentes podem-se modificar, mas ainda que instinctos novos podem-se desenvolver: a affeição do cão á especie humana é um instincto adquirido; as variações na construcção dos ninhos d'uma mesma especie sob latitudes differentes, constituem uma modificação do instincto.

Ora toda modificação em um instincto qualquer deve ter sua razão de ser; deve existir uma causa pela qual o Cucu tomou antes, habitos parasiticos que o Rouxinol ou o Cervo.

Nós temos pois de indagar quaes são as causas, cuja acção constante e prolongada ponde o extinguir completamente o Cucu o instincto da incubação,

Nos restará depois examinar se essas mesmas causas, contribuindo para a extincção d'um instincto, não deveram necessariamente dar origem a dois instinctos novos: o instincto de pôr no ninho dos outros e o de achar um ninho conveniente.

Eu vou tornar a entrar aqui no systema de Darwin, sómente eu tomarei um ponto de partida mais remoto.

Eu acho no Cucu tres causas, uma principal e duas secundarias, que combinadas juntamente e operando de concerto com a selecção natural, deveram determinar com o tempo uma alteração do instincto, são:

1.º O numero das fêmeas superior ao dos machos;

2.º O caracter bobo e a natureza ardente da ave;

3.º Sua extrema voracidade.

Em consequencia do numero inferior dos machos (22) deveo acontecer que alguma fêmeas, na epocha dos amores, eram fecundadas clandestinamente por machos já curperthados (23).

Quando o momento da postura chegava, não tendo podido ser preparado ni-

não algum d'ante mão, era preciso necessariamente procurar um. Como de mais a postura se fazia por longos intervallos, e a femia não era afeiçoada a cantão algum, ella era cada vez obrigada a pôr-se á procura d'um ninho novo. E' tanto provavel que muitas vezes a femia teia vindo depositar de preferencia seu ovo no ninho do macho infiel, mas uma vez que a outra femia chocava, era preciso procurar outro berço.

A extrema voracidade da ave não permittia além d'isso que a femia sem macho chocasse ella mesma seus ovos, ao exemplo de varias especies gallinaceas. D'outro lado, seu caracter buliçoso e sua natureza ardente não deviam quasi na falsa posição, em que ella se achava, incitar a fazer seus ensaios infructiferos, mas a disponham antes a aproveitar-se de sua liberdade para levar uma vida mais ou menos vagabunda.

Desinvolveo-se assim com o tempo uma especie de Cuculos entre os quaes o instincto da incubação se extinguiu gradualmente; mas na mesma medida, em que este instincto se extinguiu, outro tomava seu lugar, a saber e de saber escolher um ninho conveniente.

Aconteceu certamente durante muito tempo que os ovos foram depositados um pouco ao acaso, mas como só vingavam aquelles que eram depositados em ninhos de insectivoros, comprehende-se que quando os novos tiverem sido a seu turno obrigados a escolher um ninho, terão conforme os principios de Darwin tomado ninhos semelhantes áquelles nos quaes elles mesmos tinham sido tão bem criados.

Darwin faz observar com razão que o que apoia fortemente sua theoria é o testemunho de Adolpho Muller, segundo o qual acontece ainda ás vezes ao Curo chocar seus ovos e criar seus filhos, o que é evidentemente uma volta ao instincto primitivo da especie.

Quando ao facto que o Cuquinho expulsa geralmente seus companheiros do ninho, me parece permittido affirmar alguma cousa de positivo, nada prova que não seja o resultado de seus movimentos desordenados, pelos quaes se annuncia, desde os primeiros dias de seu nascimento o caracter buliçoso e agitado, que deve o distinguir toda sua vida. Citam-se além disso casos, em que os companheiros do Curo ficaram só no ninho.

Fazendo observar que nenhum instincto complexo se poderia desenvolver pela selecção natural, sem uma lenta e gradual accumulacão de variações, Darwin aponta muito judiciosamente que devemos tornar a encontrar na natureza, justamente como a respeito da organisação physica, não tanto os grãos transitórios mesmos, pelos quaes cada instincto complexo tem successivamente passado, (pois elles não podem ter existido senão na linhagem dos ascendentes directos de cada especie) mas só alguns vestigios de transições analogas nas diversas linhagens collateraes hoje vivas. E' com effeito o caso que a apresentam as especies dos generos.

E u d y n a m i s e l u d i c a d o r; estas especies, deixando inteiramente chocar seus ovos por estranhos, não perdem seus filhos de vista e esperam que elles tenham chegado a um certo grão de desenvolvimento para tornar a tomal-os inteiramente a seu cargo. (24)

Resulta do que precede que a physiologia, como a anatomia, não tem sabido dar até aqui uma soluçào satisfactoria ao problema, que temos discutido; no sys-

tema de Darwin só nós achamos uma resposta á questão. Somente se tracta de não perder de vista que para resolver a questão no sentido do naturalista inglez, eu tenho sido obrigado, não obstante fazer certas restricções, a partilhar um instante, de suas idéas e adoptar uma base common com elle.

Ora no estado actual da sciencia, me parece, que hveria ainda temeridade em se deixar levar por affirmações por de mais positivas, ao assumpto do valor das Theorias Darwinianas.

Esperando pois que estudos mais aprofundados e indagações novas venham derribar estas brilhantes hypotheses, ou lhes trazer um brilhante apoio, eu me julgo obrigado a cingir-me a esta simples affirmçãoa que é como o resumo de minha these, a saber que o p h e n o m e n o d o s c o s t u m e s p a r a s i t i c o s d o G u c u l u s C a n o r u s n ã o a c h a u m a e x p l i c a ç ã o s a t i s f a c t o r i a s e n ã o n a T h e o r i a d e D a r w i n.

F I M.

Notas do auctor.

II PARTE.—COUCOU CHEUTER.

(1) Sanscripto — k-kila; grego-kokoz; italiano-cuc do; hespanhol-cuculo; portuguez-cuco; hollandez-koskock; dinamarquez-kukkuk; inglez cuckos russo-concontschka; polaco-kukulka; hungaro-kükü.

2) Histoire de la Nature des oyseaux avec leurs descriptions et naïfs portraits retenez du Naturel escripte en sept livres 1555.

3) A forma do bico apresenta variações notaveis nos diferentes *individuos*, ella é — ora mais ou menos arqueada, ora mais ou menos achatada e comprida. Brehm até ficou de tal maneira sorprendido das irregularidades do typo normal, que admittio a existencia de uma especie á parte, á qual deu o nome de —*cuculus cinereus*.

4) Todos os exemplares que tenho podido observar nas collecções ornithologicas, tinham os pés de uma fiavela alaranjada muito pronunciada, esta mudança de cor não tem nada de anormal e se apresenta muitas vezes.

5) Ainda que Dégland (*Ornithologie Europeenne* 1,170) tenha encontrado um cuco em uma caixa de aves, que lhe tinha sido enviada de New-York, não parece que esta ave habite a America. Charles Bonaparte e de Selys-Longchamps nunca a encontraram lá. A presença singular d'esse cuco no meio dos individuos da Fauna Americana deve ser attribuida a qualquer acto de substituição committido por empregados infieis d'alfandega do Havre.

6) Nauman diz que nas partes montanhosas da Noruega elle limita sua morada á vizinhança de Dronthein.

7) Altum pretende que elle não pára na Algéria, ao passo que Dégland afirma positivamente. Alfredo Brehm vio d'elles além a Kertem. (****)

8) As creanças cantam no condado de Suffolk (*Halliwell the nursery Rymes of England*):

Cuckos, Cuckos

What do you do ?

In April ?—I open my bill

In May ?—I sing night au day

In June ?—I change my tune

In July ?—Assay Ily

In August ?—Assay Imus

9) Kruper (*Journal für Ornithologie* 1875 p. 279) o vio em Smyrna entre 8 e 14 de abril; Ray (*J. f. O.* 1872 p. 143) o observou a 13 de abril em Portugal e a 27 na Russia Meridional. Segundo Scharlem (*J. f. O.* 1873 p. 3081) elle não fazia sua appareição na Laponia senão a 10 de junho—d).

10) Altum afirma que não encontrou senão um só cuco em cada uma das illas pequenas do mar do Norte que elle visitou.

11) Os cucos que se acham reunidos d'esde o mez de Maio ou de junho não podem ver suas fêmeas — e).

12) Vid. Gérard, *Dictionnaire universel d'histoire naturelle*.

13) No estomago dos novos tem sido encontradas substancias muito differentes, segundo a ave, que os tem alimentado: são Moscas, Coleopteros, Gafanhotos

Moluscos pequenos; pretendem ter encontrado uma vez no estomago do cuco trigo, ervilhaças, o que é sem duvida um facto bastante raro. (Prof. Nauman Naturg. V. p. 217) (f).

14) As lagartas a que o Cuco parece sobre tudo affeição-se são as *Bombix* e as *Pierides*.

15) Wilson (g) pensava que este facto physiologico era particular ao *Cucio*, e que esse revestimento era destinado a impedir a imitação d'essa parte por causa dos pêllos das lagartas de que elles se alimentam.

16) *Annales de l'Academie de Bruxelles* anno de 1833. Muitos naturalistas, entre outros Buffon e Nauman admittem que os machos são mais numerosos que as fêmeas. Os factos que elles citam são casos excepcionaes e não poderiam abalar em nada a opinião do sábio-belga. Uma observação muito interessante foi feita por Florent Provost, que Chenu—me parece—em razão, tem razão, considerar como concludente. (h).

17) *Journal l'Institut*, 24 de Dezembro de 1834.

18) Além das aves pertencentes à familia dos *Cuculíneos*, ha uma ave d'America Splentrional, *Molothrus pecoris*, o *Guiscate* dos bandos que abandona igualmente a uma especie estranha, no ninho do qual introduz furtivamente seu ovo, o cuidado de criar seus filhinhos.

19) A Galha de que aqui se trata é o *Corvus Culminatus* ou o *Corvus Splendidus*.

20) Ignoramos ainda se é o cuco com todas as especies do paiz, pois não estamos bem informados senão dos habitos da especie typo (h), o Cuco bico grosso *Eudynamis orientalis*.

21) *Sylvia cinerea, hortensis, atricapilla, curruca, nisoria; Bonelli, trochilus, hypoleus, paludosa; Luscula, rubecula, philomela; Catamherpe palustris, turdida, arundinacea, phoeniceus, aquatica, locustella, laustris; Phyllopusia hypoleus, trochilus, rufa; Bobicilla phoeniceus, lithys; Accentor modularis; Motacilla alba, flava, boarula; Anthus arboreus, pratensis, campestris; Saxicola oenanthe, rubetra, strapazina; Praticola rubetra; Troglodytes parvulus, vulgaris; Luscula ignicapillus; Moseicapa gaisola; Lanius collurio rufus; Alauda arvensis, eropos, arborea; Emberiza hortensis, citrinella, schoeniculus; Fringilla chloris, canabina, caelebs; Pyrrhula vulgaris; Merula vulgaris; Pica glandularia; Turtur auritus; Columba palumbus. Plus rarement dans les nids de ces 3 derniers, Aristote ne cite que quatre espèces. Pigeon (Columba, palumbus); Il y p o l a i s (incertain); K o r y d o s des champs (Alauda Arvensis L.); Chloris (Fringilla chloris) (vide Aristoteles Thierkunde übers. v. Aubert et Wimmes Bd. I.)*

22) Alguns naturalistas pretendem ainda que o Cuco observa as aves que fazem seu ninho em sua vizinhança e se reserva assim *in petto* um lugar muito prompto para o momento em que lhe fôr preciso por sua vez pôr seu ovo. Vid. *Buchstein*, Naturg, II. p. 489. *Gloger*, Freunde der Landund Forstw, 1855. p. 46. *Heinz J. f. O.* 1861 p. 470.

23) Adolpho Muller diz ter verificado o exemplo d'um Cuco que tinha elle mesmo chocado e alimentado seus filhos. (Vid. Darwin, De l'Origine des Espices, VIII).

24) O verdadeiro ovo do Cuco, diz Buffon é de cor parda, quasi brancacenta

manchado para ponta grossa de trigueiro violeto quasi apagado e de t igneiro carregado mais bem marcado; emfim marcado na parte média d'alguns traços irregulares cor de castanha. *Pôde alguém perguntar o que Buffon intendia por verdadeiro ovo.

25) (J. f. O. 1856 p. 45) emitta a opinião que cada femia de Cucu confia seus ovos a uma só e mesma especie d'aves.

26) Thielezefere (J. f. O. 1874 p. 80) que elle achou um dia tres ovos de Cucu em um ninho de *Motacilla alba* e que esses tres ovos pareciam pertencer a um só e mesmo individuo.

Enquanto um segundo caso d'esta natureza não tiver sido devidamente verificado, será permittido, penso eu, pôr em duvida a perfeita exactidão da narração de Thiele.

27) A opinião de Prévost tem sido confirmada por varios naturalistas allemães Vid. *Thleneman*, *Erim. S. d. d. Ornith. Gess.* 1854, p. 56.

28) Os Omithologistas allemães estão bastante de accordo para fixar a epocha (d) da postura entre o Cucu entre os ultimos dias de maio e da primeira quinzena de julho. Rowley porem achou a 5 de maio um ovo de cucu em um ninho de *Tringilla chlovis*. E' igualmente o dia 5 de maio que Sachse achou um dia um ovo de Cucu. (J. f. O. 1875. p. 420)

29) Vid. *Journal l'Institut*, 24 de dezembro de 1834. Degland pensa, que o Cucu nunca põe mais de oito ovos. Naumann (*Naturg.* v. 225) faz variar este numero entre 4 e 6; Bachstem *Naturg.* II 490 entre 5 e 6; Gloger *J. f. O.* 1854-226 entre 5 e 8.

(30) Tendo um dia morto uma femia de Chalcite didrie (*C u c u l u s a u r a t u s*, G melin) e querendo lhe introduzir na guela uma rolha de filação, para impedir de sair o sangue, elle descobrio nella um ovo foteiro, que elle reconheceo, assim pela fórma como pelo tamanho, pertencer á especie da ave mesma que o trazia.

Vide *B e c h s t e i n n* (*Naturg* II. p. 490). *N a u m a n n* (*Naturg.* v. p. 225). *T h i e m a n n* (*Fort p fieder Vögel* II. 55), *B a l d a m u s* (*Naumannia* 1853. p. 307), *G l o g e r* (*Freunde der Lamm-und Frost.* 1857. p. 45), *P a s s l e r* (*J. f. O.* 1856. p. 54), *H i n t z* (*J. O.* 1846. p. 31.)

(31) Ninguém poderia todavia negar que um ou dois casos não tenham sido realmente verificados, nos quaes o Cucu tem voltado a seu ninho para levar os filhinhos estranhos que acabavam de sair da casca. Cf. *Passler* (*J. f. O.* 1857. p. 106, e *Dyb wskyid.* 1871. p. 394)

O conde *Wedzicki* refere de sua parte (*Erim. S. d. d. Ornith. Gess.*) que sempre verificou que a femia leva os ovos que encontra no ninho estranho; ora ella os devorava no momento de pôr seu ovo, ora ella os levava no momento de deixar o ninho e os comia no ar.

(32) *Transactions of the Linnean Society.* Buffon cita varios casos entre outros ninhos de *Melro*, de *Rouxinol* e *Piluroxo* em que os passarinhos foram conjuntamente criados com o Cucuinho.

(33) Pôde citar-se em apoio da possibilidade do que affirmo um facto referido por *Klein* e observado por esse auctor, na idade de desesois annos. Tendo descoberto no jardim de seu pai um ninho de *Toutinegra*, e nesse ninho um ovo unico que se suppôz ser um ovo de Cucu, deo ao Cucu o tempo de sair da cas-

a mãe de revestir-se de pennas: depois do que tornou a fechar o ninho e avia a uma gaiola que deixou em praça: alguns dias depois acho a mãe Toutinegra á entrada páris da gaiola, tendo a cabeça mettida na guela do Cuquinho que a tinha engulido por descuido, crendo engulir sómente a lagarta que sua ama lhe presentava apparentemente muito de perto.

(34) *Uns* facto digno de nota, é que o ovo do *Cuco debico grosso* geralmente encontrado só no ninho da Gralha.

(35) O mesmo facto tem além d'isso sido verificado por varios naturalistas alemães.

Vide de Woodzicki, *Erinn. d. d. O. inth.* Gess. 1856, p. 52. O *lph. Gail-*
er d. Naumannia 1853 p. 106. Passler *J. f. O.* 1856. p. 46; *R o w l e v i d*
366. p. 17; *G o h e l*, id. 1874. p. 133; *Sachse*, id. 1875. p. 419.

(36) *Historia nat.* IX. 41. Pámo ajuntá que não ha então ave, cuja carne seja mais delicada: *nulla tunc avium suavitate carnis comparanda.*

Cf *Bechstein*, *Natorg.* II. p. 494.

(37) *Gerszoologie* II. 56.

(38) Citado por *Buffon*.

(39) *Temminck* pretende que não mudam senão uma vez.

(40) E' nestes factos e outros do mesmo genero, que a gente se tem fundado para sustentar que o *Cuco* não emgrava, mas se entorpecia com o frio em nossos climas, como os animaes dorminhocos.

Comp. Gaspard, Recherches sur le Coucou d'Europe.

(41) O *Cuco* chega a ilha de Malta e ás do archipelago grego no mesmo tempo que as *Toutinegras*, e como elle viaja isoladamente não se vê d'elles senão no meio d'uma tropa d'essas aves, os habitantes d'essas ilhas o chamam *Conduloras Toutinegras*.

(42) Quanto á idade a que póde chegar o *Cuco*, *Naumann* (*Natuag*, Vid. p. 15) pensa que elle não vive além de 25 annos.

(43) Perguntase como *Passler* (*J. f. O.* 1856. p. 46) poude sustentar que o *Cuco* despreza as *Legurtas* processuonarias.

(44) *H mey r* faz observar que todos esses *Cucos* vivem isoladamente e que toda quando um tiro de espingarda os expellia d'um logar nunca dous d'entre elles partiam juntamente, na mesma direcção.

3.ª P A R T E.

(1) *Naumannia* II. anno 1850 p. 57

(2) *Freunde der Land-und Forstw.* 1857 p. 42.

(3) Eis aqui como se exprime *Chenu*: E' de pensar que esta appropriação de ovos depende d'alguma sorte da vontade da ave; e que os ovos á vista da postura dos quaes o *Cuco* acaba de visitar d'ante não tal ou tal ninho que encerra os ovos de seu proprietario, revestem quasi logo que são postos, ou no momento em que o vão ser, a côr propria dos ovos da especie que os deve chocar.

que é unicamente a esta semelhança de coloração que seria devido a facilidade com a qual essas pequenas especies d'aves consentiriam em chocar os seus próprios.

(4) Rowley achou muitas vezes ovos de Cuco em ninhos de *Calamonops* e *Arundinacea*, *Accentor modularis* e *Sagittaria*, sem que tenha podido verificar as menores semelhanças entre os ovos d'estes ultimos e os de Cuco (J. F. O. 1835 p. 172)

(Vid.) ainda Thienemann *Fortpflanzung der Vögel* III p. 63.

(6) Essa theoria foi sustentada por Temminck Neumania, 1853.

(7) Vid. Páslér (J. f. O. 1856, p. 43.)

(8) Todos sabemos que as gallinhas pretas põem muitas vezes ovos pardos.

(9) Novo dictionario de Historia Natural.

(10) Hist. anim. IX. p. 29, e de generat anim III, 1.

(11) Historia naturalis, loc. cit.

(12) O p e l, Beitrage zur Kenntniss des *Cuculus Canorus*.

(13) Observações anatomicas sobre os orgãos da digestão do Cuco, Memoria da Acad. das Sc. de Paris, 1752, p. 417.

(14) Bloch, (Boschäft. d. Ael. Gesellsd, nat. Freund. IV. 582) cita ainda *Caprimulgus Europaeus*, o *Falco Tinnunculus*, *Culicella Atrax*, o *Coracias Garrula*.

(15) Vid, Brehm, Lehrbuch d. Naturgeschichte aller Europ. Vögel I, 124. Bechstein, Naturg. Deutschl. II. 112, attribue o lento desenvolvimento dos ovos grande voracidade do animal combinada com as difficuldades que em achar um alimento sufficiente,

(16) Gloger desenvolveo pouco mais ou menos a mesma idéa em sua excellente obra, «Die nützlichsten Freunde der Land- und Fors thirthschaft unter den Thieren, 1868, p. 44.»

(17) Carta ao Presidente da Academia das Sciencias 22 de Dezembro 1834.

(18) O p e l attribua os longos intervallos entre uma ninhada e outra a lenta fraca secreção da albumina no oviducto, e dá por causa a este ultimo facto a pequena quantidade de proteina que fornecem as lavas dos insectos.

Sch o e l l perfeitamente refutou a asserção de O p e l mostrando que as substancias animaes dão ao contrario mais proteina que as substancias vegetaes. (J. f. O. 1859, p. 209)

(19) Nuttall, Manual of the Ornithology of the United States and of Canada (Vid. tambem J. f. O 1854, p. 209).

(20) Darwin, da origem das Especies, VIII.

(21) Se eu mesmo me servi mais acima do termo *in s t i n c t o*, é porque a natureza da discussão não comportava uma maior correcção de expressão.

(22) Eu já disse mais acima que esse facto foi posto fóra de duvida por numerosas observações feitas por Van Mons.

(23) O facto de vêr uma femia, que está sem macho copular-se com um macho já emparelhado aliás nada tem de anormal. Um dos meus antigos professores da França, o doutor Kerckhoffa, que muito se occupou da criação dos pombos, affirmou-me que verificou varias vezes que femias de pombo, que não tinham machos seus, se fizeram secundar pelos machos de suas vizinhas, e depois puzeram

chocaram durante varios dias; é um caso muito commum entre as *Toutiaegras* criadas em gaiolas.

O facto deve nos parecer até muito natural, quando se tracta d'uma ave tão ardente como o Cuco.

Os grãos intermediarios no desenvolvimento dos insectos parasiticos são sobre tudo sensiveis entre os *Molothrineos*: ahi vemos ao principio os individuos da especie *M e l o t h r u s B a d i u s* que vivem ora em sociedade sem se empalhar, ora se empalham, fazendo um ninho para si ou apoderando-se d'um ninho estranho, ora chocarem seus ovos nos ninhos dos outros. Vem depois o *M o l o t h r u s B o u a r i e n s i s* que põe invariavelmente seus ovos em um só ninho estranho, se algumas vezes se associa geralmente com alguns individuos de sua especie, para tentar construir um ninho em commum, que nunca chegam a acabar.

Temos enfim o *M o l o t h r u s P e c o r i s* que possui todos os habitos do *Coculus Canórus*: põe nos ninhos estranhos, e cada vez um só ovo em um ninho differente.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA
ESTADO DO MARANHÃO

CURRICULUM VITAE.

Natus sum Manoel da Silva Sardinha in urbe Brasiliensi, cui nomen est Maranhão, d. IX m. Januarii a. h. s. LV patre Manoel matre Adrianna da Silva Sardinha.

Literarum rudimentis *insitutus*, patriae urbis *adii* gymnasium, quod frequentavi per annos quinque. Anno LXX *Lisubonam* me contuli *ibique* per annos duos Scholae Academicæ discipulus fui, quae tunc sub doctissimo Florencio dos Santos florebat.

Deinde *Melodonn*, Galliae urbem, migravi ut, sub auspiciis optimi magistri Kerckhoffs, *Fravcogallarum* linguae studerem, annoque uno et dimidio post in civium Academicorum *Bonnensium* numerum receptus sum. Studiis incubui rerum *naturalium*. Per semestria septem docuerunt me *Clauzius*, *Hanstein*, *Kettele*, *Schaoffhausen*, *Troschel*, quos viros egregie de me meritos esse lactor; in primis vero *Ketteler* grato animo recolam, prae omniibus autem singulari me sibi devinxit benevolentia *Troschel* cuius summam cum veneratione mihi semper colendum arit nomen.

Carreira da vida.

Eu Manoel da Silva Sardinha nasci em uma cidade brasileira, cujo nome é Maranhão, no dia 9 de janeiro de 55, filho do paê Manoel, da mãi Adriana da Silva Sardinha.

Instruido nas 1^{as} lettras, fui para o gynazio de minha terra (a), que frequentei por 5 annos. (b)

Em 1870 fui para *Lisabona* (c), por 2 annos fui discipulo da eschola academi- a, quando então florescia sob a direcção do doutissimo Florencio dos Santos (d).

D'ahi (e) passei a *Melodonum* (f) cidade da França para estudar a lingua fran- eza, sob os auspicios de Herckhoffs, muito bom mestre, e depois de um anno e meio (g), fui admittido entre os academicos de Bono. (h). Appliquei-me ao estudo das *couzas naturaes* (i) — Sciencias naturaes —. Durante 3 annos e meio (j) me instruiram Clausius, Haustein, Ketteler, Sciaaffhausen, Troschel, varões a quem folgo muito de ser obrigado (k); principalmente Ketteler eu recordo cheio

• Esta tradacção é feita benevolmente ao pé da lettra para acompanharmos elmente o estylo e construcção grammatical do autor, que respeitamos religio- samente.

a) Si se refere á terra maranhense, aqui não ha nem nunca houye gymnazio, specie de academia. Esta affirmacção não é verdadeira.

b) Tenha-se em vista o tempo da aprendizagem para, no fim de *contas*, vermos tempo que gastou até á obtenção do doutoramento no *canto do cuco melodioso*.

c) *Lisabona*? Não encontramos na geographia universal a existencia de seme- tante aldêa, villa, cidade, capital, &c. Mas, dado que exista, quando o erudito autor foi para ella, tendo nascido em 1855, tinha a esse tempo 15 annos de idade. Tome-se nota.

d) Quando acabou seus estudos primarios tinha 10 annos (que talento); esteve annos no seu gymnazio (15 annos de idade) e 2 annos em *Lisabona* — 7 annos e estudos preparatorios. Tome-se nota.

e) Este adv., o director do tal *gymnazio* substituiria por est'outro: D'ali.

f) Outro lugar desconhecido na geographia — é esse da *Melodona*. Entretanto, pode hem ser a em que o *cuco copula n'um dia trinta e mais vezes*...

g) Bemido mais este anno e meio aos *sete* já conhecidos, temos consummidos, é a sua *admissão entre os academicos de Bono*. — 8 1/2 annos.

h) Se collige que não foi matriculado na academia de Bono, mas *admittido* em qualquer caracter *entre os academicos de Bono*.

i) D'esto estudo resultou o doutor conhecer os *intimos amores* do cuco, que os seus gosos amorosos chega a copular de um só fulego 30 e mais vezes!...

j) Mais 3 1/2 annos em Bono, afóra o tempo das 1.^{as} lettras gastou — 12 annos, até conhecer a existencia e vida do *cuco melodioso*, em cujos conhecimentos, recebeu *as summas honras de doutor em philosophia*.

k) Assim deve ser; porque um pergaminho de doutor, em qualquer couza, hem- ble á manifestação da gratidão de quem o recebe, ainda que do *risendo* não se londa — nem *patavina*.

de reconhecimento (l); sobre todos porém, Troschel (m) cujo nome me será sempre respeitavel com *summa* veneração (n), mereceu a minha amisade por sua *singular benevolencia* (o).

l) A recordação de Ketteler, com tanta gratidão, faz lembrar um frade apaixonado por béstas. Filho de uma familia, em que sempre houve bons cavallos e pr isso era tentadissimo com bestas; e em se fallando n'ellas, logo elle sabia a campo fosse lá para o que fosse.

.....
Elle affirmava que se podia levar a besta carregada de *um tudo*...

m) Troschel, sobre todos, é especializado. Porque?...

Outro caso a proposito. Um outro frade cansado de suas fadigas litterarias, adoeceu, mandou chamar um francez, que havia na sua aldéa, o qual era dentista, barbeiro e capador, e tinha grande fama de curar. Feitos os primeiros complementos, perguntou-lhe: «Vmc. tem as licenças do estilo?» — Respondeu o dentista: «*Venerabilis, Reverendissimo que Auc. or, Prcedicator, et Pater Magister virtutem et purissanciam habeo.*

Dentes extirpandi,

Tripas purgandi,

Ventas effurandi,

Barbas tondendi

Capitos tonsurandi

Et testiculos porculorum extirpandi,

Pernas secandi,

Impune per totam terram.»

O frade fez alto conceito do facultativo, apesar de não entender nada; e principou a tratá-lo de *doutor*.

n) Esta *summa veneração* é em compensação ás *summas honras conferidas de doutor em philosophia*.

o) Foi d'este grande sentimento extrahido o *attestado das summas honras philosophicas doctorices. Amen.*

ESTADO DE

Attestado—Carta.

Q. B. F. F. Q. S. Auctoritate summisque auspiciis, Regis augustissimi potentissimi Guilielmi imperatori germanici, universalis Fridricioe Rhenano Conservatoris Clementissimi, Rectore magnifico Guilhelmo—Julio Mangol theologie evangelicæ doctore et professore publico ordinario ordinis aquilæ rubre quarte classis equite ordinis philosopharum.

H. A., decanus et promotor legitime constitutus Jvergem Bona Meyer, artium liberalium magister, philosophiæ doctor et professor publicus ordinarius in vrbem ornamentissimum *Manoelê da Silva Sardinha*, braziliensem post quam examine rite superavit et dissertationem de CUCULO CANÔRO, docte et diligenter scriptam una cum thernatis controversiis publico defendit ex decreto ordinis summos in philosophia honores doctoris que in munio et privilegio contuli colataque esse testor in ejusque rei fidem has litteras ordinis philosophara sigillo sacientes cirari, Datum Bonno dia 16 mensis Martii, A. 1877.—*Jvergem Bona Meyer.*

TRADUÇÃO.

Q. B. F. F. Q. S. Com a auctoridade e summos auspicios do augustissimo e poderosissimo rei Guilherme, imperador da Alemanha e clementissimo conservador da universidade de Fridirico Rhenano, pelo magnifico reitor Guilherme Julio Mangole, doutor em theologia e professor publico da ordem da aquia vermelha, cavalheiro da quarta classe da ordem de philosophar, etc, etc.

H. A. Este anno eu o decano e promotor legitimamente constituido Jvergem Bona Meyer, mestre de artes liberaes; doutor publico de philosophia segundo as leis, ao ornamento dos ornamentos o—varão *Manoel da Silva Sardinha*, brasileiro, depois que elle em exame, segundo as formalidades, douta e habilmente em controversias sustentou e veceo publicamente a these sobre o passaro—*cuculo canôro* (o *cuco melodioso*), conferi, por decreto da ordem, as summas honras de doutor em philosophia com immuñidades e privilegios; e em fé d'isto passo este attestado com o sello regio.

Dado em Bonno, em 16 do mez de março do anno de 1877.—*Jvergem Bonna Meyer.*

Como se vê, esse arrazoado de latinidade só tem pura e simplesmente o caracter de certidão de uma occurrencia, que se diz, passara-se em *Bona*, e nunca a formula de uma carta de bacharel ou de doutor.

Aos srs. doutores e bachareis legal e scientificamente graduados, que digão—se esse papel é diploma de doutor, e que nome deve ser dado.

As cartas de dous doutores verdadeiros, formados na Alemanha, são iguaes as dos bachareis e doutores formados no Brazil, com o accessimo de transitarem pela legação ou consulado brasileiro.

Portanto: enquanto não nos chegarem ás mãos documentos mandados buscar em *Bona*, que provem a verdade d'esse *attestado doutoramento*, continuaremos a tel-o como *cousa de encomenda*.

As cartas dos illustrados doutores Carlos Fernando Ribeiro, Luiz Antonio Vieira da Silva e Francisco Antonio Brandão, são inteiramente diversas d'esse *certificado do cuculo-canôro*.

Contemplação.

Como contemplador da Provincia, venho apresentar os meus pequenos conhecimentos, por não fui contemplado com grandes exhibitos, mal pude dar principio a um medianno; porem como o homem nunca deve limitar-se só ao que aprende, eu venho apresentar razões porque não tenho comparecido nas inaugurações da exposições e assembléa provincial.

Que em nossa provincia temos compatriotas que lembravam-se de manifestar em as produções da agricultura.

Porem muito senti que não tivessem se lembrado de outras materias primas como grandes quantidades de palmeiras que dão cocos e outras muitas cousas que dão concos e outras muitas cousas que dão olio e resinas e ervas medicinaes, que parte de todas estas metterias importam para este infeliz Paiz.

Pobre e infeliz Paiz, contado que recebe tudo quanto lhe querem dar.

E' como o negociante que manda feixar as portas de quem não tem e elles ficam na rua, a ver o vento que não tem corpo e sim o ar.

Ao passo que outros ficão assim bem carregados assim como a arvore que pela amentação que tem não deixa de carregar bastante.

E' como aquelles somros que queremos as novidades e não as realidades faz-se as festas com musicas em todas realidades como bem apanhar-se o fructo emquanto está verde por se entendo que deve se apanhar depois de maduro.

Quero dizer das boas idéias é que contaminos com o grande progresso do Paiz.

Poz são esses que deveria ser premiados e aquelles que ama o trabalho como o hom lavrador que espreza nas suas boas lavoura que colhem com todo o asseio prova que é um bom adiministrador e que deve ter (premios acompanhado com os bons artistas). Mesmo para ir desenvolvendo o nosso infeliz Paiz.

Os homens de posição só é que devem ter premios não tudo na prtica.

Viva! os exploradores da terra.

Viva! quem eleva as metterias ao seus valores.

Lavradores e artistas coragem!! coragem!! negociantes coragem!! coragem!!

E todos aquelles que abração as minhas idéias larguem a inveja só para desmentir altas posições.

Porem eu como não me elevo ao egoísmo porque como dei a idéia de levantar-se uma Alfandega da meia laranja do baluarte com a correspondente ponta para dar desembarque e embarque e outras cousas e com isto talvez vá ferir algumas pessoas que não se lembram que um grande movimento dá trabalhos a todos.

Entenderam de me fazer guerra contra o direito que me querem dar.

Poz eu não guerréo com armas que matou Caino seu irmão pela invejem.

E nem tam pouco com armas que possa correr çangue.

E sim armas da verdade que é estas que dará a luz ao verdadeiro sego

Eu não posso me contentar com o que muito se contentam que é fazer-se do direito torto e do torto direito.

Poz são estas as provas por que não me tenho apresentado nas ennaugurações das espuzição e na abertura da assembléa Provincial como já disse a cima.

Porem tenciono aguardar-me para a occasião opportuna.

Para poder me espreçar-me que todos me entendem.

Emfêlz Brazil que muito e muito te ha de custar a puder-se levar os teus eixos ao lugar.

Eu ainda me julgo muito e muito pequeno, porem a farmiga é bem pequena e nem ao volume que o desconhece e depoz vai buscar reforso e leva ao seu lugar: assim nós todos unidos podemos salvar este emfêlz Brazil.

Que olhamos a desabar uma grande montanha sobre o mar!!!

A!!! povo lançado a mão da intelligencia para podermos remediar muitos e muitos males cronicos que se axam muito! emraizados n'uma profundeza tão grande que só!

com os grandes ferros cortantes lançados na exploração da terra desses que abraçam as minhas ideias.

Loureiro Sequeira.

Elevação

A esperança futura que acabou de dar a luz os srs. Bihôms & Irmões.

O conselheiro Loureiro Sequeira não podendo hir a um convite dos srs. Bihôms & Irmões, por motivos justos mais não podendo deixar de mostrar o valor que acabam de praticarem com um meu patricio e comprovinciano a prosperidade da nossa provincia dando o seu diploma a seu de sípulo, que com isto tornaraes o zempolo para as artes e grandeza da provincia.

Principio querem as cousas para tomarem caminhos.

Assim viva!!! os srs. Bihôms!!! que derão o primeiro passo na verdadeira estrada que della é!!! que podemos mostrar os louros aos estrangeiros e tornasse um dos Paiz mais elevado pela sua grandeza.

Viva!!! todos que a braçam a agricultura e industria e artes.

Viva!! os meus comprovincianos! que tratão de dar o golpe pela raiz dos tsera-geatas?

*Viva!! a liberdade do povo e da quellas que governão bem a sua nação.

Viva!! a quellas que amão o trabalho e a grandeza do seu Paiz.

Viva!!! os exploradores e a quellas que levam as materias a os seus valores.

Viva o sr. D. Pedro II constitucional do Brazil!!!

S. Luiz do Maranhão, 17 de marco de 1886.

O conselheiro *Loureiro Sequeira.*

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Magias presentes:

Vencer o tempo

Tempo em grato que para mim criasteme
Com fesso o tempo que para mim nasceu
Magias flores que para mim conduz
A volta bella que no ceu se deu.

Com fesso a hora em que meu peito tem
Flores memoza no alvor do prado
Espero as voltas deste tempo rudo
Que vencerei o destino fado

Negar o tempo não podemos a sim
Porque a terra lamenta o prado
E chorasse os hosques pela vargem grande
No que eu sofrer sobre o meu estado

Guerreia o tempo que esse tempo é teu
Que vencerei as debilidades
Flores abertas que nasceste no ninho
Levar castigo sobre o seu estado

Sobre as magias que teu peito sofre
Com fessa as dores que teu peito tem
Não recues de alguns perigos
Que com vertereies ideas ereis alem

A guerra é grande qua a ti se faz
Não esmoreces nessa luz de flores
Com tempo a horas que durante o dia
Como contempas a tua sympathia

Da ideas nobres que nasce no homem
E leva os sons nessa luz de flores
Espiração que converte no homem
Menterva a vida sobre seus amores

Deixallo o campo sem plantallo a sim
Sobre as ideas que o homem tem
Simeia as sementes na terra nova
Que vencerei nesse mundo além

S. Luiz do Maranhão, 6 de fevereiro do
1885.

João Homem deLourciro Sequeira.

Saudades.

O amor é fogo ardente
Que trespassa no coração
Eu espero em Deus alcançar
A tua alma formosa em tão

Passo dias e horas inteiras
A pensar em ti formosa e bella
Espero que não me contradigas
Mas formosa querida donzella

Senhazinha de ti eu espero
O amor que consagra o coração
He por ti que meu peito palpita
Com amor firmeza e paixão

Esperai sempre de ti alcançar
A união formosa e bella
Poz juro a dorarte querida
Sim a dorarte querida donzella

Na serteza de que eu hera amado
Com amor conrespondi a ventura
Se despreza me o meu canto querida
Hoje choro na desventura

Pella premeira que peguei na pena
Para relatar o meu pensamento perfeito
Quando esperava receber flores
Fourão a margos que senti em peito

Um coração maguado
Que triste não pode a sim
Só de Deus espera alcançar
O amor querido sem fim

Flores bella querida
Não me negues a vida por mim
De Deus eu espero alcançar
Senhazinha formoza a sim

Com esperansa se ganha tudo
Com o amor concorre o fim
Não deixo de ti amar
Porque choro as maguas por mim

Por ti chorei donzella
Espero alcançar e ser feliz
Com prantos formozos e bellos
Querendo e tu não me quiz

Eu mostrei sempre estimarte
Com amor firmeza e união
E não leveite a iludir te
Com amor em gratidão

Foste querida donzella
A quem meu amor depuzitei
Não me negues que eu ti amo
Com firmeza emtrareis

A cinco annos que eu te amo
E não dou a perseber
Espero de Deus alcançar
O amor firme que vem a ser

Senhazinha eu espero
Porque tenho paciencia
As voltas que o mundo dar
A Deus tudo pertence

Reziguinação tenho tido
Para sofrer muito mais
Porque conheiso que tem poder
Que neste mundo habitaes

Minha vida minha vida
Muito me tem abrazado
He por isso que não tenho feito
O meu cazamento deizejado

Com fé se ganha tudo
Com os sentimento a inda mas
Deus ouve a voz que te chama
Que neste mundo abitaes

Por eu não fazer fasso
Na tua estrella brilhante
Porem seio que cazamos
Com amor firme e amantes

Nós como entes feliz
Que sofremos uma vez
Deus ajuda a quem trabalha
Para gozar o que fez

Em segunda ocazião
Que no papel peguei
Tu conheceraes querida
O amor que te depositei

Para a sim fallar verdade
Tu só foste a primeira
Que a mão pegou na penna
A qual foste derradeira

Tu nasseste para mim
Eu nassi para ti
O amor são lassos que nos prende
A dor a dor por ti.

São Luiz do Maranhão, 19 de novembro
de 1883. Na quinta do Hospital Por-
tuguez.

João Homem de Loureiro Sequeira.

BIBLIOTECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

AS FABEIDAS.

GRATIDÃO.

Dedico este meu pequeno trabalho, inspirações verdadeiras dos meus sentimentos tristes, que serão sequestrados nas horas mortas, da merencoria noite! quando, Sim! do elmo letargo da Sonulencia de Morséo! foi imbalado na heroica e bravia Ex^a do Sr. Marquez de Caxias? Defensor da integridade Nacional; e magnanimo sustentaculo da garantia constitucional do imperio do Brasil, e bravo dos bravos do campo da honra??... Por estima verdadeira que lhe voto?... em gratidão a tantos Sacrificios que na actual campanha, desabou em todo o mundo?!

Maranhão, 3 de Dezembro de 1868.

FABIO JOAQUIM EWERTON,

SADINHA SA
BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

PROLOGO

Leitoris, eilas as minhas primeiras canções, insperações do quadro mas deficeit de uma vida tribulada nos recursos pecuniarios, em falça posição pela minha pequena e fraca abilitação ideal!

Porem leitoris... agora vos apresento este meu pequeno trabalho, ainda que de uma alma menos abilitado, venho erguer-me nas fontes aureolas das letras? e pousar no regasso da Sorte desavinturada!... O nome que hoje fomei nas herenas das letras de puéta!...

É a condição das fadigas e correições do genio philosophal? puético!... porem Leitores, muitas das minhas poesias e prosas, ou melhor possa libertar, forão Sequestradas nas horas vaga do tumulto! de minha alma triste, quando sim, eu era afastado do bulicio de uma vida deste mundo! naquelles momentos tão delirioso para minha vida cançada! que nas noites de tardu-o rumor, Não Se ouviu Senão o gemer da triste Suidão da noite!?

Adormecendo cançada tão melonha prepaçava o tímido espasso! afeiramento?

É meu peito pulçado desta vida dos infortunios? me asaltando o genio desta comdição, a instante a instante, ? no arasto de uma negra sepultura! que só vilipendea a vida humano? Não é esse meu puêtar que vos apresenta como apar dos grandes literatos e sublimes cantor da puesia, i cultoris das letras de ouro! como bem Seção, os insignos autoris: Lamartine, Bocage, Dante, Dias, Azevedo, Camões, Abreu, Lord Birom, Magalhães, Victor Hugo, Flavio Remar, Pietro de Castelamar, Mero Newton, Lobão, Bonifacio, Alexandre Dumas, Castilho, Alencar, Offenbah, Verdi, Macedo, e outros elevados nomes que em nomeada São erguidos nas aureolas das letras, com admiração!? por todos, porem? esse meu puêtar rasteiro no estilo da Singelesa tão Simples, não pode merecer da santa palma literarie!

E sim nas horas vaga da Suidão da noite! pela a immução da tristura que vagêa... meu pensamento nestas inercias arrotações!... de Um infernal peregrinar da merencoria noite!... buscando pintar nas brandas cordas de minha lira!...

Coereções do alivio!?

E nesses transportes de melodias me sustento, indo transericto nas longas omuncidades deste mundo? Risonho para mim!? confuso dormita meu Sentimento com a suidão da triste noite!

Se alguém, porem dar-se ao trabalho de lêlas? este meu pequeno escripto poetico trabalho, impellido pelo Sentimento d'alma, nelle âmcontrará pensamentos de uma triste harmonia! correção incarniçada no vacó recequido, da impuñencia da natura! asaltando-me a mente tão vaga naquelles momentos.

Só sei que vivo por mesmo Sentir?... e sei que Sinto pela a sensibilidade de minha alma! desejo inmanado da a'couceifa da alma!? implição do trannico thorax!

Os meus annellos defusos contestão na puração febril de minha dôr! que só me explica o triste pranto?... de um muribundo!? Porem leitores! nesses aparatos me sustentô, tornando-me no meu primitivo estado! Leitores?

Sê este meu pequeno enbruxolo, escripto por mim, menos habilitado, para coñhecer da arte puética, não vós agradar, não merecendo da pureza das letras de ouro! Se não o desalento?! do desprezo! São estas as minhas canções da vida! fructo do arbusto da eternidade! sentimento placido da sisterna d'alma!

Sé ao contrario publico sensato merecer de vos o applauso do contentamento da minha fraca e debô insperação puelica! correrei ofano em abracarvos! que só, é de esperar da Sabia intelligencia philosophal, quando menos, a modestia!, com o sorriso descorado!?... infraquecendo assim as minhas azas, tão espinhosa, ou genio poetico, ou prosaicho! assumindo pois, esta imição eu grato serei muito amido, de quem sou

Muito atento venerador e cr.º

FABIO JOAQUIM EWERTON.

Um passamento?

A PERDA DE UM AMIGO?

Hé neste pequeno espaço a deducção de uma vida cheia de Tantos espelhos, i desvaneios, neste acaso da Sorte? Não venho senhores neste acto acobertado de ricos boquet para demonstrar um sentimento menos presado, no desvanείο da impudessicia, e do vicio? e sin nobliado com o manto negro da desvintura que nós rega a palma do actó funebre, coroar aos restos mortas do cadavel d'aquelle ente humano, que em sua vida quer publica ou particular, foi sempre quando outro ampliada con o recato do silencio, e prudencia no dever inportante da abismadoura Sociedade, este momento Srs., para mim! e aquelles corações que são despertados pelo sonabolismo da desvintura, é este o acto da desdicta? igualmente o acto que oprime o coração do triste? revolvendo o cranio? Sepultão avião reclinada no imenso Lodaçal, pairando nas imenças concavidades de profundo abismo,! desça laeida fenda de cruel amargo? trago impuro, de uma vida tão delical neste vaco gemedor, pela propria mão esmagadoura da invisivel natura? é neste silencio da parca criminiosa que venho esculpido da impuresa do alvorouto? de uma endirecta rotação, esboçar as cogitações que impune vagão por dereção d'esta fatalista, que arroja sobre ampulhêta de nossa vida tão apreciada?...

O terra? impune? durida friesa da éternidade!. É esse cadavel hoje tornado em simples esqueleto?! e amanhã? .. em fria terra tornado!?! Sou en voz do mundo que me sustento neste momento? vendo em meus olhos? os céos, e a terra indeleve!... venho hoje desacortinar no pó da terra a mimoria de um amigo? i punir a ingrata natura illusão deste aparato imaginario, numa vida tão longa! ?.....

Dorme! Dorme! o Sono da endolencia, qua esse figura sem mais alento desmaia?.. Dorme! Dorme! irmão da campá e bom amigo? que a terra para ti será ingrata! ?... Agora porém, vejo em minha frente tão simples cruzeiro colocado em frente, de um sipreste gemedor! o negro moxo piador, tremulando com o Sietar do tumulo! só esplica o triste pranto da eternidade?! dedusindo tantos linitivos de uma vida tão docel neste alvorouto! ?

Sou eu que suspenço da terra e elevado nas eterias regions do mundo, transporto-me desta vida! ao Sarcofago pequmbra da imeusidade de uma vida lon-

ga? para pintar o quadro mais durido, deste mundo de illusões?... O' lousa dourada lousa, para que te vejo nivada de tantos brilhantes! Si em ti só explica o triste! O vosso corpo já frio nelle já não más circulão o desse sangue da nossa vida?

Que em tua vèa feria, esce ar terminante que ti alentava tão quente,?... Lá se foi isvuaçado na redondesa da imencidade? assoprar as auras nos esplendidos luar? contempleado em um tão ameno jardim! esse ar tão brando como o orvalho? desapareceu!? não mais sequer existe! é como a Luis tença no seu ardôr, sendo aflectada do assopro, é violenta sua queda, morre no verdor da mocidade, Sem-mais ser vista-neste mundo de fadigas: assim pois ti comparo bom amigo, nesta resenlia philosophal do poeta, ou nos bicornios dourados dos Druidas da moder-na geração: deixou de ver a luz do dia! baixou sobre tumulo? abitar na terra criminosa fatal punição dos nossos dias! hoje porem? ja delectado esse formato de homem, empuro escarnio da nossa humanidade!? O' mundo! ó natura! des-alento da tua propria Sabedoria!? no descanzo da impuresa de uma vida!?

Campa do Suplicio da humanidade, para que tens pintado o painel do des-alento! descrição do terror! Sou eu! convulcivo que venho regar o pranto ami-go! neetes murmúrios tristonhos que só aqui transitão? nesses momentos lucidos? no sinistro de uma vida inteira ho! terra estramo sen valôr! pó de toda a casta! copia do tumulo gemedor, doris infernais latando em trevas, preocupo a mente? em fatal delirio! no duro laço de cruel martírio! vejo em tua fronte negra pena-lisar a todos que em ti fitão os olhos, ostentando o arrasto da negra Sepultura! esculpindo suas ruinas verde-jão sobre minhas cutes, as cristais lagrimas companheira fiel de minha dôr! Essa campã de lagrima que neste aparato me sustente, vendo em frente de meus olhos, negra cruz! cuberta de frios linifivos, em manto negro recordando a campã fria neblhada na negra noite!...

Senhores aquelle por quem viemos sufragar é o nosso amigo Miguel G. de F. B. verdadeiro amigo e fiel companheiro deste mundo? Ecã elle em sua infancia dourada? ignal a meiga sencitiva que sorri, como o beijo ingroçado de horiscade, quando Solta suas gontas de orvalho sobre a terra, matisado no mais rico relevo de brilhante, que ficamos nelavos na mentida frase da illusão, é pois igual ao hotão da innocencia, que desabroxando no fresco orvalho, deslidadôr da terra impura, estramo criminoso da imprefeição! remeçava seus arcanos entra abertos? deixando nato, suas folhagens, silabadas no festão da serração, que murmuria com o tenço agitar do forte assopro! nesses trinados abolicíarem suas ramagens haque-jadoras, beijão a terra! ó a vida um engano, é um sorriso desfaleçado, como um fasil em falso mahlo, é um canto despenhado em alto cume que se expande na mensidade de longos prados! ? reprecutindo Seu écho, vai quebrando suas tor-vas, apagar-se nas imenças espanção; dorme! dorme! o sono da indolencia des-canzo impuro desça terra desapiadosa; criminoso estramo do nosso corpo! farol de uma mão oculta que te derige, hó fatalista? punição vaga dos teus decretos!...

Maranhão 4 de Dezembro de 1868.

BIBLIOTECA PÚBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

O NADA.

Eis aqui na sepultura
Os restos de um bom amigo
A suas carnes tão fria
No Selesté pai, foi tido ?

Vejo a campa ali tão negra
Deslabrando a compaixão.
Seu corpo na Sepultura
Tão frio qual frio chão ?

O descoro de seus Lábios
Só me notão triste dôr
São setas que ferem o peito ?
Firmeza ? amizade ? amor ! ?

No sarcophago abitará
O repouso de um christão ?
quando as heras for pasçada
Só seus ossos Sobre o chão ! ?

No Sileicio desta terra,
Abitará tam sosinho !
quem na vida grato era ?
Meu lial e bom amigo !

Hoje em terra em pó delido ?
esse formato do homem
foi Separado do mundo ?...
qual batida aguas se somem ! ?

És homén, uma matéria:
Que com o tempo gosa e vevi
Qual florsinha que affectada
do eclipse morre e sente !

Perde assim o seu frescor ?
Vai além, o balsimo Santo
Ficando impura, ho ! que dôr ?
Essa flor tão casta ? quanta ? !

E' o ventinho que zune !
Na serração tão bravia
Vai a Seprando nos cumes
Qual pombinha tão ferina

Que então sendo affectada
da tirana serração !
perde o clivio ! cai na terra !
Morta fria razão ! ?

Não tem mais esse primor
qual pombinha que vando
tão risonha ali pousou
hoje é triste lamentando
Sua sorte em triste dor
Não mais gosa, não más vive
Amizade firmeza amor ! ?

TRIBUTO DE AMISADE.

A minha carinhosa irman Dona M.
C. S. S.

Tinhas sobre mim poder immenso
invisivel condão, e o não Sabias !

(G. Dias.)

E' tu, minha irmansinha d'aminha alma
Quem me faz inda ter amor á vida;
E se ha um Ente que na terra adoro,
Es tu, flôr innocente, irman querida !...

E's tu que com carinhos sabes sempre
Aplacar do meu peito a dôr ingente,
Se Deos não te lançasse á terra impura,
O que lóra de mim, flôr innocente ?!

Se no prado que verto encontro allivio,
E' porque me distrahes, querida irman;
Dás-teos carinhos para viver careço,
Como as flôris do orvalho da manhã !

Se no leito de dôr me presto as veses,
Eu vejo-te velar por mim constante;
Vejo-te desvelada e carinhosa
Por meu nome chamar de instante aistante

E quem mais do que tu disfarça as dôris,
Do meu desventurado coração ?...
E's tu quem me consola, irman querida,
Nos terriveis momentos d'afflicção...

Quem nas horas do sofrer zela meus
prantos ?

Quem condoe-se de mim na desventura ?
E's tú minha irmansinha idolatrada
Qu'inda fas-me na vida ter ventura.

Se ausente de ti saudades nutro,
Lembrando-me de ti de quando em quando.

Sinto um peso no peito--equentes lagrimas
Pelas as faces então me veem rolando !..

E praseris não tenho nesta vida
Quando longe de ti me arroja a sorte,
Sonho e durmo contigo da lembrança
Momentos ha de dôr que peço a morte

Deos sabe se te adoro, irman querida
E aqui longe de ti quanto hei soffrido;
Meu peito de tristeza acabrunhado,
Que saudades agudas tem nutrido !...

Mais, se um dia, feliz nesta existencia
Proteger-me na sorte Deos Clemente !
Irei viver contente em teu regaço,
Tuas caricias gosar, anjo innocente !

Maranhão 12 de Maio de 1865.

AO PÉ DE UMA LOUZA.

Eu venho visitar-te
aquí na sepultura...
Rosa, que são dos dias
de tua formosura ?

Tu eras como o astro
Fulgente das manhãs,
a flôr mais doce e linda
do teu jardim de irmanos.

Amores te acabaram
mimos da mocidade...
e venho hoje trazer-te
dores d'esta saudades.

Ha quanto, quanto tempo
a terra te consome !
e sobre ella não ouço
ninguem dizer teu nome,

Dorme; eu tenho n'alma
a branda imagem tua;
da tua flôr perfumes,
aragens d'esta lua.

Adeus Rosinha; quando
tambem eu descansar,
iremos ante os anjos
os pés de Deus beijar.

(F. REIMAR.)

MOTTE.

O amor é, palavra ouca.

(GLOZA.)

O amor nos vibra n'alma
Como o vento ativa o fogo
Passageiro nos emfiama
O amor é, palavra ouca.

Elle habita entre as vaga
em fortes fuzis do fogo?
O amor nos cresce n'alma
O amor é, palavra ouca.

Nos busca para a tristura
Como a noite tudo aterra
Nos mimos de uma donzela
O amor é, palavra ouca.

É como a relva que brota
Na superfície da teerra
O amor é, palavra ouca
Como o viver entre serra,

O amor habita na lousa
Como o fogo? queima a palha

O amor é, palavra ouca
Com agua, feugo se apaga.

Elle vai cego habitar
No jardim, com as mais flôr
O amor é, palavra ouca
Nos engana, sem pavor.

Amor constante, não há
Na mais pura, e tenra flôr
O amor é, palavra ouca
Nos engana, sem pavor

Quanto mais bella, e mais pura
Mais vaidosa se tem,
O amor é, palavra ouca
O amar sem querer bem

Amor é desejo d'alma
Que nos diz gozo na terra
O amor é, palavra ouca
Nos mimos de uma donzella.

Elle morre como a flôr
Em botão tem seu primor
O amor é, palavra ouca
Nos engana sem pavor.

Maranhão, 3 de Julho de 1868.

MOTTE.

De uma senhora que estimava um pintinho, e que botando-o no bolço do vestido quando o viu, foi morto! ?...

O PINTO MORTO NO BOLÇO.

(Glosa.)

O meu pintinho mimoso
Se sempre fosse connosco

Gozava cantos saudozo
Do pinto morto no bolço

Cantava nas poezias
Tão rizonho ouvi comer
E ao dar de meio dia
Tão fagueiro ouvi morrer !.
Tão frio sem compaixão
As mais galinhas choravão
Do pinto morto no chão ?.

Tão mosço na sua vida ?
Aviver n'esse colosso
As suas penas douradas
Do pinto morto no bolço

Era n'um dia dourado
Ea que minha alma sorria
Do pinto morto no bolço
Que esmirrado alli jazia

Tornado a um esqueleto
Sem figura sendo moço
As penas erão um foguete
Do pinto morto no bolço

Tornado no puro pó
Na terra fria deitado
O pinto morto no bolço
Foi terra, pó, cinza e nada ? †

Fica no peito cravado
O pinto morto no bolço
Devendo todos chorar
da perda de um bello moço !

Brincava no campo verde
Tocava o bico nas hervas
Tinba o seu coque impinado
qual matas n'aquellas serras !

Tão verçado, e bello mosço
mavioso no andar,

O pinto morto no bolço
ja sabia namorar !

Maranhão 1 de novembro de 1868.

AMOR PRIVADO.

(RECITATIVO.)

A' no mundo tantos, dos encantos puros
Como a flor mimosa no seu prado exalla
Assim donzella retractar só quero
Dos teus olhos bellos, que para mim só
fallão

Explicar do peito, só teus olhos dizem
Que ligar saudades, só a mim queria
Porem sou privado, n'este mundo em todo
Como a flor na haste murcha ali jazia.

Supportando as duras tempestades fica
Lançado ao chão, suportando o frio
Recordando as criança, desse amor passado
Revivendo geme, que esse amor ferio.

Nos meus olhos explico essa dôr que sentes
Egual alli explicarte venho
Corra-me a face muitas lagrimas quantes,
Eu não sou fingido, só meu peito sente.

Como a borbulêta que adejando vive
Leva a vida inteira, a gozar ventura
Sendo eu privado de te amar no mundo
A não ser presente, será no futuro.

Não me negués virgem, teu amor tão bello
Guarda em teu peito, o retracto meu
O menos deixa corar, em teus labios
Um dos beijos santos, que meu peito leu

Maranhão 1 de dezembro de 1868.

A MORTE!?

A minha filha Maria Barbara.

A luz que outrora brilhava
A cruel morte apagou!
A's onse horas e meia
Maria Barbara levou!

Innocente me cortaste
As cordas do coração!
Ficaste no mundo tida
Foste ábitar na manção!?!....

Vai Barbara cortando essas nuvens,
ja que a parca chamou-te afinal!
Vai filhinha desta alma partida
Neste peito cravaste o punhal!

Essa parca tributo da vida!
Essa mão criminosa no mundo!
Eu quisera no campo vencida!
Te soltando um dos golpe profundo.

Essa mão tão ligeira que mata!
Não se immula na chamma d'luz!
Se em campo ti visse em batalha!
Ai! de mim Ai! de ti Ai! Jesus!

Tu veria a destreza zombada!
Qual um raio desfexa na terra
No lugar do sinistro! plantêa!!
Um dos golpes fatal que te aterra!

No sepulchro da terre descança!
Lá teu corpo desmanxa-se em pó!
Sem formato de sua innocencia!
Tão sozinha? qual mata! tão Só!?!....

Adeos! minha filha querida!
Tó descança debaixo da terra!
Sobre os froxos clarão da manhã!!
Lá sozinho teu corpo se emserra!

Me despeço das fontes do mundo!
Não quisera pensar se ti tive!!
Não quisera viver neste tumulto!
Separado do mundo eu me vi!?!....

Debaxo da fria terra!
Foi minha filha ábitar
jaz ali seu corpo em pó?
Na terra fria sem ar!!

Debaixo de tanto peso!?!....
Ella ali eu vi gemer!
Sobre a campa da querida!
Vi! sepultar vi bater!?

Senti correr-me nas fendas!
Que tinham meu coração!
Ali bem juntinho á ella!
Adeus filha da benção!?

Sem alma me vi no mundo!
Na fatal separação!
Vida tudo!?! lhe entreguei!?
Adeus filha da benção!?!....

Maranhão 5 de dezembro de 1861.

(ESPERANÇA.)

Lá se vai tão emroscado,
O anno velho quemando
Tantos pobres lá no prata
Tão triste vida passando!

Deos permita que se acaba
Um viver sem ter prazer
O cobre desaparece
maldição! do meu viver.

São cinco horas da manham
Vojo o céu sorrir na fronte?
É o primeiro de Janeiro
Tão sizo no horizonte!

Viude mil oito cento e sessenta nove!
 Bradar no Brazil, a constituição
 ja basta as lagrimas que do nosso seio,
 Nos afêta n'alma, e no coração!

São os raios desça brisa
 Cobertos de compaixão
 Seus orvalhos matutino
 Tão frio molhando o chão,

As hervas que erão mortas
 ja vejo fresca brincar
 Tão viçosa namorando
 Querendo frutos brotar.

O Sol que tanto quemava!
 Agora vejo sorrir
 Seus mantos vivos de prata
 Namorando tão Sutil!

Lá se foi o anno velho
 Baxar no limo infantil
 ingrosçar de novo atéla
 Tão criança é meu Brazil?

Neste fuzil de uma vida
 Tão cheia de disventura
 Creceu agora os impostos
 Só nos resta a sipultura.

O Brasil só quer soldados
 hó! que triste condição
 Não reservando os casados
 Para a guerra todos vão. ?.

Maranhão 4 de dezembro de 1868.

HINO SANTO

Escentai o povo humano
 o dia que nos criou
 Foi nascido o Deos menino
 O ente que nos salvau,

Foi brotar n'Universo
 Tão putenthe criadôr
 Neste dia festejado
 Com eu cantando estou.

Brotem floris brotem noito
 Brotem estrellas lá do céu ?!
 Criou Deos a Sua corte,
 Tão sabio que nos salvou.

Damos gloria a Deos menino
 que José na fê criou
 do espirito Santo a gloria
 do parto virgem ficou... ?..

Maranhão 20 de dezembro de 1868.

SIM ! ? ...

Anjo do céu eu ti adoro
 Heide amarti com furor
 Não—me negues teu sorriso,
 Nem o teu olhar de amor.

presta-me dos teus cuidados
 Um dos mimos de teus raimos
 Um dos gemidos que gosto
 Qual canto altivo divino.

Seus olhos bellos na terra
 Sobre mim fitou gemendo
 Como um brilhante na serra
 Na minha alma fendendo

Eu sonhei nos teus incantos
 quando uma noite dourada
 Eu ti vi tão bella em pranto
 Sobre um leito desmaiada.

São esses gosos sonhados
 Quando em quando revivado

em minha mente lembrada
Naquelle ? . vida passada ? .

Maranhão 1 de Fevereiro de 1862.

— — — — —
Lá na torre da vida o dos amores
Eu podia viver toda um momento,

A. d'Azevedo.

Eu quizera ser livre como as aves,
Quizera ter perfume como as flôres,
Neste mundo viveria sempre alegres
Sempre alegre á sorrir, fruindo amôres !

Eu quizera ser livre com o vento,
Ter as plumas que tem os passarinhos;
Lia a minha terra de folguedos
Gozar de minha irmã ternos carinhos !

Eu quizera ser livre como as ondas,
Que rolam se combatendo em mar bravio.
Eu quizera ser livre como a setta
Que aos ares arremessa meu genio !

Eu quizera ser livre como o vento
Que se perde ao vaivem da solidão;
A lousa de meus paes iria ao menos
Brantea-la de dor meu coração ! . . .

Quizera a fresca sombra das palmeiras
Por falças illusões acalentado;
Ao relento dormir a zomno aêrio
Que alivio traz consigo ao desgraçado.

Eu quizera chorar naquellas brenhas
No Sombriada encosta d'montanha:
estinguir se d'então veria ao menos
A dôr que me devora e me acompanha !

Eu quizera viver naquelles bosques,
Do bolice dos homens esquecido;
Ver na rede embalar-se meu tambora
Lá na sombra do valle adormecido ! . . .

Eu quizera ser livre como as nuvens,
Que singram seu destino aëros espaços;
Minha irmã d'prazer iria ao menos
Apertal-a chorando entre meus braços.

Eu quizera ver inda a siracura,
Debaixo de um cypreste mui sombrio,
Vê-la alegre cantando, e vir das matas
Em tardes de verão banhar-se ao rio !

Eu quizera inda ver raiar nos campos
A rubracentã aurora boreal,
Eu quizera, meu Deos gozar ao menos
Do alvacento matiz do laranjal !

Quizera ver na rocha despenhar-se
D'um tremendo cruel despenhadeiro
A limpã crystallina, indo perder-se
Nas fraldas verdejantes d'um outeiro !

Eu quizera inda ver aquellas margens,
Tão saudosas do meu Tapicuru;
Quizera viajar na canôinha,
Quizera ouvir os cantos da nanbú !

Eu quizera ser livre como as ave,
Quizera ter perfume como as flôres,
Neste mundo viveria sempre alegres,
Sempre alegre á sorrir fruindo amôres !!

Rio, 5 de abril de 1860.

— — — — —
UM POLITICO.

Nassi no mundo aprendendo !
A ser bom legislador
Obdeço a meu Monarcha ? . . .
hoje sou conservador !!?

Aprendi já na politica
Essa condição da sorte ?
Sei miltior como si esplica !
Na terra deste meu Norte ! . . .

Ter posição e dinheiro
Sendo mouro? é bom christão!
Pode gargar do ferreiro!
o Pergaminho da Nação!

Só o pobre viver não pode!
Não tem uso de razão
Não tem na vida saudades
Não pode nutrir paixão.

Servindo qual espulêta
Lanção mão deste coitado
Tendõ o pobre também honra
Não deve ser maltratado!

Não tem honra nem criterio
Quem o dinheiro não tem!
E' naquelle simiterio
Que enterrar-se todos veem! ?...

Cada um puxa seu pão
Para si e mais alguém!
Fica no rol d'esquecido,
Quem o seu vintem não tem! ..

E' só naquella rodinha!
Que se esplica amaldição!
Só o pobre é patalêa!
Não pode gosar do pão! ?

E' o pobre como a noite!
Que do céu orvalho cai!
Como a noite tudo fenescer!
Nas matas tem sapucaí!

Vella o pobre sem destino!
Como a flôr no pindo dasti!
No calmoso tempo rindo!
Na fresca vaga já nasce!

E' no planêta do céu!
Onde vella o firmamento!
As nuvem paixão correndo
No meu fraco pensamento! ?

E' no vál desta estação!
Onde vagou minha dôr
Ser pulitico nesta terra!
Só sim! como o beijaflôr!

Que vaga nos bellos campos
Roca o bico em toda flôr!
Gosa de tudo do mundo
Pasça a vida um fulgor!

Maranhão 7 de novembro de 1868.

MOTTE.

A MINHA GARGINHA BRANCA.

A minha garcinha branca!
E' como a flôrsinha Santa! ...
E' bella no seu assunto!
A minha garcinha branca!

No seu olhar de uma Santa!
No mover de seu corpinho
A minha garcinha branca,
E' bella qual um anginho!

Nas noites tem seu primor!
Como a flôr nos prende n'alma
No siume tem Sabor!
A minha garcinha branca? ...

E seus cabellos de anel?
Sen sinto branco engraçado
E' como do pau o mel! ...
A minha garcinha branca! ..

Eu pesso meu Deus anoite!
Para gosar delicias tantas!
E' como a noite de frio! ?...
A minha garcinha branca!

A noite trouçe por sello
Seus luseiros desta terra

de Seus haromas mais bello
E' minha garcinha branca !

Ella que dorme Saudosa !
No seu mansinho andar !
A minha garcinha branca
E' tão lenta a esvaçar ! ! . . .

Seu gesto de encanto frisa !
inocente pomba Santa
e Parece que fende a brisa
A minha garcinha branca !

Despertando é como a lua
No firmamento a brincar !
Coberta de negro manto !
Nos deixa triste ficar.

Nos abraça n'fulguedo
Num vasto campo a olhar ! ?
As nosças vistas caçadas !
Qual alva espuma do mar !

A gemer naquellas rochas
A brotar canções de amor !
E' como do galho a rosa
Que só gosa o beija flôr ! . . .

Beija flôr feliz no mundo
Eu invejo a tua sorte !
Pulas de galho em galhinho
Mesmo não, sendo teu Norte !

E' quem transita nos prado !
A brincar com a mais flôr !
Sendo pois tu criminoso !
Só de amar, e ter amor ! ? . . .

Maranhão 16 de Novembro de 1868.

FLOR D'ALMA . . .

*Escripta especialmente, para o baptizado
do innocente João, filho do meu res-
peitavel amigo, illm sr. J. J. L. de Brito*

Se eu fôra poeta, um carme,
Cheio de grata harmonia
Vibrara na lyra d'ouro,
Para saudar este dia!

A's brandas auras que passam,
Soltaria uma canção,
Cuja lettra soletrasse
Mimozo, o nome de João!

Depois, de seus Pais no seio,
Corrêra ufano á depôr,
Como inequivoca prova
— De respeito, amisade, amor.

Mas, como poeta não sou
P'ra lyra d'ouro vibrar;
Somentemente, esta flôr singella,
— Amigo, lhes posso dar . .

Guardem, pois, a-pobrezinhos,
Aceitem o singello dom;
— Parte do coração grato,
De— Fabio Joaquim Everton.

Dezembro 8 de 1868.

POR UM AMIGO—(C. J.)

GENIO !

Suspende as azas-que decantão a musa
Tremula o canto desça voz pueta
E' melodia
Revolve o cranio Separando as aguas
Mormura a brisa com tão fina tella
Que Deos ti guia.

Pranlêa o genio que teu genio é puro
Salpica o cêo da immunção Selestê
E' melodia

Nessas imagens que revolvem as nuvens
Molhando orvalho que do cêo cahio
Só Deos te guia!

Molhar na terra o infantil arbusto
Que nesta plaga teve o destino
E' melodia!

Tão innocente botão que brota inercias
Pompas que deste mundo não tem valia
E' rebeldia!

Se neste momento as vargêas que me
oprimem o seletre, me não deixa des-
continuar as pomposas faldas que me im-
pellem a mente, quanto mais que con-
fuso ainda vejo em meus olhos? tão
tristes melodias! que me entrecala a
elêr! E' um unibile tronco de negro i-
preste! e mais alem! Um tenço pantano!
e no oiteiro! frondosas arveris ciciando
nas grandes copulas do seu inerespo! E'
que neste serro remoto onde dizerto
vejo a enocencia balbuciando fadigas
tão correctas de trompas falopianas (1)
de um canto tão hameno que só embo-
ção o candular (2) agreste! admirando
o serro segredando a belleza de longas
alovions! borruindo folguados estasia-
dos na tremulancia deste mundo! de
tantas esperanças! E's o genio da pro-
funda crença? que fusilando vaguêa seu
echo nas Longuedas inercias de extasis
profundo! ? ali caçado morre!

E' igual a palhinha que vem do alto
cêo tão brandamente ponzar na terra,
é pois assim essa flôr rubra innocente?

(1) Trompas falopianas, é uma das peças mais im-
portantes de um grande instrumento da Italia, ou
cubo do mesmo instrumento.

(2) Candular é um mimoso passaro do nome toa
que quando canta suaviza o mundo com sons melo-
dicos.

o genio das musas eloquencia dos aman-
tes! é esse cantor das imagens que bus-
cou pintar o difficel quadro da innocencia!
dando por titulo a flôr d'alma.

Maranhão 10 de dezembro de 1868.

A LUA DE MINHA TERRA ?

E' na minha boa terra
Que formosa lua vi
Palmeiras naquellas matas
E cantar da jurity!

Nas praias do meu relento
Nas vagas de um santo amor
No tanger de manças ondas
Bella lua dô fulgor

Foi nesse clarão da lua
Que alva vizão me prender
Foi na haste um galinho
Que minha alma estremeceu

Naquelles prados risinhos
No sorrir de um horisente
Em vivos feisos dourados
Sobre as aguas de uma fonte

Gelado tinha meu peito
Nas crenças dessa luar
Tão mimoso anjo do cêo
Formosa lua a brincar.

Sam tres horas da manha
Naquelle rizo pasmei
Qual orvalho matutino
Sobre meu peito não sei,

Tantos gosos nesta vida
Só eu não posso gosar
Gosando meu terro grillo
Nas flôresta acultrar,

A MORTE!?

A minha filha Maria Barbara.

A luz que outrora brilhava
A cruel morte apagou!
A's onse horas e meia
Maria Barbara levou!

Inocente me cortaste
As cordas do coração!
Ficaste no mundo tida
Foste ábitar na manção!?!....

Vai Barbara cortando essas nuvens,
já que a parca chamou-te afinal!
Vai filhinha desta alma partida
Neste peito cravaste o punhal!

Essa parca tributo da vida!
Essa mão criminosa no mundo!
Eu quisera no campo vencida!
Te saltando um dos golpe profundo.

Essa mão tão ligeira que mata!
Não se immola na chamma d' luz!
Se em campo ti visse em batalha!
Ai! de mim Ai! de ti Ai! Jesus!

Tu veria a destreza zombada!
Qual um raio desfexa na terra
No lugar do sinistro! plantêa!!
Um dos golpes fatal que te aterra!

No sepulchro da terre descança!
Lá teu corpo desmanxa-se em pó!
Sem formato de sua innocência!
Tão sozinha? qual mata! tão Só!?!....

Adeus! minha filha querida!
Tô descança debaixo da terra!
Sobre os froxos clarão da manhã!!
Lá Sosinho teu corpo se emserra!

Me despeço das fontes do mundo!
Não quisera pençar se ti tive!!
Não quisera viver neste tumulto!
Separado do mundo eu me vi!?!....

Debaxo da fria terra!
Foi minha filha abitar
jaz ali seu corpo em pó?
Na terra fria sem ar!!

Debaixo de tanto peso!?!....
Ella ali eu vi gemer!
Sobre a campã da querida!
Vi! sepultar vi bater!?

Senti correr-me nas fendas!
Que tinbão meu coração!
Ali bem juntinho á ella!
Adeus filha da benção!?

Sem alma me vi no mundo!
Na fatal separação!
Vida tudo!?! lhe entreguei!?
Adeus filha da bemção!?!....

Maranhão 5 de dezembro de 1861.

(ESPERANÇA.)

Lá se vai tão emroscado,
O anno velho quemando
Tantos pobres lá no prata
Tão triste vida passando!

Deos permita que se acabe
Um viver sem ter prazer
O cobre desapareçe
maldição! do meu viver.

São cinco horas da manham
Vojo o céu sorrir na fronte?
É o primeiro de Janeiro
Tão sizo no horisonte!

Viude mil oito cento e sessenta nove !
 Bradar no Brazil, a constituição
 Já basta as lagrimas que do nosso seio,
 Nos afêta n'alma, e no coração !

São os raios desça brisa
 Cobertos de compaixão
 Seus orvalhos matutino
 Tão frio molhando o chão,

As hervas que erão mortas
 Já vejo fresca brincar
 Tão viçosa namorando
 Querendo frutes brotar.

O Sol que tanto quemava !
 Agora vejo sorrir
 Seus mantos vivos de prata
 Namorando tão Sutil !

Lá se foi o anno velho
 Baxar no limo infantil
 Ingressar de novo atêla
 Tão criança é meu Brazil ?

Neste fuzil de uma vida
 Tão cheia de disventura
 Creceu agora os impostos
 Só nos resta a sipultura.

O Brasil só quer soldados
 hó ! que triste condição
 Não reservando os casados
 Para a guerra todos vão. ?.

Maranhão 4 de dezembro de 1868.

HINO SANTO

Essentai o povo humano
 o dia que nos criou
 Foi nascido o Deos menino
 O ento que nos salvau.

Foi brotar n'Universo
 Tão putenthe criadôr
 Neste dia festejado
 Com eu cantando estou.

Brotem floris brotem noito
 Brotem estrellas lá do céu ? !
 Criou Deos a Sua corte,
 Tão sabio que nos salvou.

Damos gloria a Deos menino
 que José na fê criou
 do espirito Santo a gloria
 do parto virgem ficou. . ? . .

Maranhão 28 de dezembro de 1868.

SIM ! ? . . .

Anjo do céu eu ti adoro
 Heide amarti com furor
 Não—me negues teu sorriso,
 Nem o teu olhar de amor.

presta-me dos teus cuidados
 Um dos mimos de teus inimos
 Um dos gemidos que gosto
 Qual caato allivo divino.

Seus olhos bellos na terra
 Sobre mim fitou gemendo
 Como um brilhante na serra
 Na miuba alma fendendo

Eu sonhei nos teus incantos
 quando uma noite dourada
 Eu ti vi tão bella em pranto
 Sobre um leito desmaiada.

São esses gosos sonhados
 Quando em quando revivado

em minha mente lembrada
Naquella ? . vida passada ? .

Maranhão 1 de Fevereiro de 1862.

Lá na torre da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,

A. d'Azevedo.

Eu quizera ser livre como as aves,
Quizera ter perfume como as flôris,
Neste mundo viveria sempre alegres
Sempre alegre á sorrir, fruindo amôres !

Eu quizera ser livre com o vento,
Ter as plumaas que tem os passarinhos;
Lia a minha terra de folguêtos
Gozar de minha irmão ternos carinhos !

Eu quizera ser livre como as ondas,
Que rolam se combatendo em mar bravo.
Eu quizera ser livre como a setta
Que aos arcs arremessa meu genio !

Eu quizera ser livre como o vento
Que se perde ao vaivem da solidão;
A lousa de meus paes iria ao menos
Prantea-la de dor meu coração ! . . .

Quizera a fresca sombra das palmeiras
Por falças illusões acalentado;
Ao relento dormir a sono aério
Que alivio traz consigo ao desgraçado.

Eu quizera chorar naquellas breuias
No Sombriada enxada d'montanha;
estinguir se d'então veria ao menos
A dôr que me devora e me acompanha !

Eu quizera viver naquellas bosques,
Do bôficio dos homens esquecido;
Ver na rede ombalar-se meu tambira
Lá na sombra do valle adormecido ! . . .

Eu quizera ser livre como as nuvens,
Que singram seu destino aëros espaços;
Minha irmã d'prazer iria ao menos
Apertal-a chorando entre meus braços.

Eu quizera ver inda a siracura,
Debaixo de um cypreste mui sombrio,
Vêl-a alegre cantando, e vir das mattas
Em tardes de verão banhar-se ao rio !

Eu quizera inda ver raiar nos campos
A rubracentã aurora boreal,
Eu quizera, meu Deos gozar ao menos
Do alvacentõ matiz do laranjal !

Quizera ver na rocha despenhar-se
D'um tremendo cruel despenhadeiro
A limpha crystallina, indo perder-se
Nas fraldas verdejantes d'um outeiro !

Eu quizera inda ver aquellas margens,
Tão saudosas do meu Tapicuru;
Quizera viajar na canôinha,
Quizera ouvir os cantos da nanbú !

Eu quizera ser livre como as ave ,
Quizera ter perfume como as flôres,
Neste mundo viveria sempre alegres,
Sempre alegre á sorrir fruindo amores !!

Rio, 5 de abril de 1860.

UM POLITICO.

Nassi no mundo aprendendo !
A ser bom legislador
Obdeço a meu Monarcha ? . . .
hoje sou conservador !!?

Aprendi já na pulitica
Essa condição da sorte ?
Sei miltior como si esp'lica !
Na terra deste meu Norte !

Ter posição e dinheiro
Sendo mouro? é bom christão!
Pode gargar do ferreiro!
o Pergamiuho da Nação!

Só o pobre viver não pode!
Não tem uso de razão
Não tem na vida saudades
Não pode nutrir paixão.

Servindo qual espulêta
Lanção mão deste coitado
Tendõ o pobre tambem honra
Não deve ser maltratado!

Não tem honra nem criterio
Quem o dinheiro não tem!
E' naquelle simiterio
Que enterrar-se todos veem! ?...

Cada um puxa seu pão
Para si e mais alguém!
Fica no rol d'esquecido,
Quem o seu vinhem não tem!...

E' só naquella rodinha!
Que se explica amaldição!
Só o pobre é patuléa!
Não pode gosar do pão!?

E' o pobre como a noite!
Que do céu orvalho cai!
Como a noite tudo fenescer!
Nas matas tem sapucaí!

Vella o pobre sem destino!
Como a flôr no pindo dasti!
No calmoso tempo rindo!
Na fresca vaga já nasce!

E' no planêta do céu!
Onde vella o firmamento!
As nuvem paixão correndo
No meu fraco pençamento!?

E' no vál desta estação!
Onde vagou minha dôr
Ser pulitico nesta terra!
Só sim! como o beijaflôr!

Que vaga nos bellos campos
Roca o bico em toda flôr!
Gosa de tudo do mundo
Pasça a vida um fulgor!

Maranhão 7 de novembro de 1868.

MOTTE.

A MINHA GARGINHA BRANCA.

A minha garcinha branca!
E' como a flôrsinha Santa!...
E' bella no seu assunto!
A minha garcinha branca!

No seu olhar de uma Santa!
No mover de seu corpinho
A minha garcinha branca,
E' bella qual um anginho!

Nas noites tem seu primor!
Como a flôr nos prende n'alma
No siume tem Sabor!
A minha garcinha branca?....

E seus cabellos de anel?
Seu sinto branco engraçado
E' como do pau o mel!...
A minha garcinha branca!...

Eu pesso meu Deus anoite!
Para gosar delicias tantas!
E' como a noite de frio!?...
A minha garcinha branca!

A noite trouçe por sello
Seus luseiros desta terra

de Seus baromas mais bello
E minha garcinha branca!

Ella que dorme Saudosa!
No seu mansinho andar!
A minha garcinha branca
E' tão lenta a esvaçar!...

Seu gesto de encanto fisa!
inocente pomba Santa
e Parece que fende a brisa
A minha garcinha branca!

Despertando é como a lua
No firmamento a brincar!
Coberta de negro manto!
Nos deixa triste ficar.

Nos abraça n'fulgado
Num vasto campo a olhar!
As nosças vistas cançadas!
Qual alva espuma do mar!

A gemer naquellas rochas
A brotar canções de amor!
E' como do galho a rosa
Que só gosa o beija flôr!...

Beija flôr feliz no mundo
Eu invejo a tua sorte!
Pulas de galho em galhinho
Mesmo não, sendo teu Norte!

E' quem transita nos prado!
A brincar com a mais flôr!
Sendo pois tu criminoso!
Só de amar, e ter amor!?...

FLOR D'ALMA...

*Escrepta especialmente, para o baptizado
do innocente João, filho do meu res-
peitavel amigo, illm sr. J. J. L. de Brito.*

Se eu fôra poeta, um carme,
Cheio de grata harmonia
Vibrara na lyra d'ouro,
Para saudar este dia!

A's brandas auras que passam,
Soltaria uma canção,
Coja letra soletrasse
Mimozo, o nome de João!

Depois, de seus Pais no seio,
Corrêra ufano á depôr,
Como inequivoca prova
— De respeito, amisade, amor.

Mas, como poeta não sou
P'ra lyra d'ouro vibrar;
Somentemente, esta flôr singella,
— Amigo, lhes posso dar..

Guardem, pois, a-pobrezinha;
Aceitem o singello dom;
— Parte do coração grato,
De— Fabio Joaquim Everton.

Dezembro 8 de 1868.

POR UM AMIGO—(C. J.)

GENIO!

Suspende as azas-que decantão a musa
Tremula o canto desça voz puêta
E' melodia.
Revolve o cranio Separando as aguas
Mormura a brisa com tão fina tella
Que Deos li guia.

Maranhão 16 de Novembro de 1868.

Brandea o genio que teu genio é puro
Salpica o céu de iamunção Seeste
E' melodia

Nessas imagens que revolvem as nuvens
Molhando orvalho que do céu cahio
Só Deos te guia!

Molhar na terra o infantil arbusto
Que nesta plaga teve o destino
E' melodia!

Tão innocente botão que brota inercias
pompas que deste mundo não tem valia
E' rebeldia!

Se neste momento as vargêas que me
oprimem o selebre, me não deixa des-
continuar as pomposas fraldas que me im-
pellem a mente, quanto mais que con-
fuso ainda vejo em meus olhos? tão
tristes melodias! que me entrecala a
edêa! E' um umilde tronco de negro si-
preste, e mais alem! Um tenço pantão!
e no oiteiro! frondosas arvoris ciciando
nas grandes copulas do seu increspo! E'
que neste serro remoto onde dizerto
vejo a enocencia balbuciano fadigas
tão correctas de trompas falopianas (1)
de um canto tão hameno que só embo-
ção o candular (2) agreste! admirando
o serro segredando a belleza de longas
alovions! barrifando folguedos estasia-
dos na tremulancia deste mundo! de
tantas esperanças! E's o genio da pro-
funda creença? que fusilando vaguêa seu
velo nas Languedas inercias de extasis
profundo! ali cançado morre!

E' igual a palhinha que vem do alto
céo tão brandamente pouzar na terra,
é pois assim essa flôr rubra innocente?

(1) trompas falopianas, é uma das pessas mais im-
portantes do um grande instrumento da Italia, ou
cubo do mesmo instrumento.

(2) Candular é um mimoso passero de nome toña
que quando canta suavisa o mundo com sons melo-
dicos.

o genio das musas eloquencia dos aman-
tes! é esse cantor das imagens que bus-
cou pintar o difficel quadro da innocencia!
dando por titulo a flôr d'alma.

Maranhão 10 de dezembro de 1868.

A LUA DE MINHA TERRA?

E' na minha boa terra-
Que formosa lua vi
Palmeiras naquellas matas
E cantar da jurity!

Nas praias do meu relento
Nas vagas de um santo amor-
No tanger de manças ondas
Bella lua de fulgor

Foi nesse clarão da lua
Que alva vizão me prendeu
Foi na haste um galinho
Que minha alma estremeceu

Naquelle prados risonhos
No sorrir de um horisonte
Em vivos frisos dourados
Sobre as aguas de uma fonte

Gelado tinha meu peito
Nas creanças dessa luar
Tão mimoso anjo do céu
Formosa lua a brincar.

Sam tres horas da manha!
Naquelle rizo pasmei
Qual orvalho matutino
Sobre meu peito não sei,

Tantos gosos nesta vida
Só eu não posso gosar
Gosando meu torro grillo
Nas flôresta aculdrar,

de Sens haromas mais bello
E' minha garcinha branca !

Ella que dorme Saudosa !
No seu mansinho andular !
A minha garcinha branca
E' tão lenta a esvagar ! ! . . .

Seu gesto de encanto frisa !
innocente pomba Santa
e Parece que fende a brisa
A minha garcinha branca !

Despertando é como a lua
No firmamento a brincar !
Coberta de negro manto !
Nos deixa triste ficar.

Nos abraça n'fulguedo
Num vasto campo a olhar !
As nosças vistas cançadas !
Qual alva espuma do mar !

A gemer naquellas rochas
A brotar canções de amor !
E' como do galho a rosa
Que só gosa o beija flôr ! . . .

Beija flôr feliz no mundo
Eu invejo a tua sorte !
Pulas de galho em galhinho
Mesmo não, sendo teu Norte !

E' quem transita nos prado !
A brincar com a mais flôr !
Sendo pois tu criminoso !
Só de amar, e ter amor ! ? . . .

Maranhão 16 de Novembro de 1868.

FLOR D'ALMA . . .

*Escrepta especialmente, para o baptisado
do innocente João, filho do meu res-
peitavel amigo, illm sr. J. J. L. de Brito.*

Se eu fôra poeta, um carme,
Cheio de grata harmonia
Vibrara na lyra d'ouro,
Para saudar este dia!

A's brandas auras que passam
Soltaria uma canção,
Cuja lettra soletrasse
Mimozo, o nome de João!

Depois, de seus Pais no seio,
Corrêra ufano á depôr,
Como inequivoca prova
— De respeito, amisade, amor.

Mas, como poeta não sou
P'ra lyra d'ouro vibrar;
Somente, esta flôr singella,
— Amigo, lhes posso dar . .

Guardem, pois, a-pobrezinha;
Aceitem o singello dom;
— Parte do coração grato,
De—Fabio Joaquim Everton.

Dezembro 8 de 1868.

POR UM AMIGO—(C. J.)

GENIO !

Suspende as azas-que decantão a musa
Tremula o canto desça voz puêta
E' melodia .
Revolve o cranio Separando as aguas
Mormura a brisa com tão fina tella
Que Deos ti guia.

Prantôa o genio que teu genio é puro
Salpica o céu de immunção Seeste
E' melodia

Nessas imagens que revolvem as nuvens
Molhando orvalho que do céu cahio
Só Deos te guia !

Molhar na terra o infantil arbusto
Que nesta plaga teve o destino
E' melodia !

Tão innocente botão que brota inercias
pompas que deste mundo não tem valia
E' rebeldia !

Se neste momento as vargêas que me
oprimem o selebre, me não deixa des-
cortinar as pomposas fraldas que me im-
pellem a mente, quanto mais que con-
fesso ainda - vejo em meus olhos ? tão
tristes melodias ! que me entrecala a
elêa ! E' um umilde tronco de negro si-
preste ! e mais alem ! Um tenço pantano !
e no oiteiro ! frondosas arvoris eiciando
nas grandes copulas do seu increspo ! E'
que neste serro remoto onde dizerto
vejo a enocencia habuciando fadigas
tão correctas de trompas falopianas (1)
de um canto tão flamenno que só embo-
cêo o candular (2) - agreste ! admirando
o serro segredando a belleza de longas
aluvions ! borrifando folguedos estasia-
dos na tremulancia deste mundo ! de
tantas esperanças ! E's o genio da pro-
funda crença ? que fusilando vagoêa seu
echo nas Longuedas merceias de extasis
profunda ! ? ali-cançado morre !

E' igual a palhinha que vem do alto
cêo tão brandamente pouzar na terra,
é pois assim essa flôr rubra innocente ?

(1) Trompas falopianas, é uma das peçças mais im-
portantes de um grande instrumento da Italia, ou
tudo do mesmo instrumento.

(2) Candular é um mimoso passaro de nome tona
que quando canta suavisa o mundo com sons melo-
dicos.

o genio das musas eloquencia dos aman-
tes ! é esse cantor das imagens que bus-
cou pintar o difficel quadro da innocencia,
dando por titulo a flôr d'alma.

Maranhão 10 de dezembro de 1868.

A LUA DE MINHA TERRA ?

E' na minha boa terra
Que formosa lua vi
Palmeiras naquellas matas
E cantar da jurity !

Nas praças do meu relento
Nas vagas de um santo amor
No tanger de manças ondas
Bella lua de fulgor

Foi nesse clarão da lua
Que alva vizão me prendeu
Foi na haste um galinho
Que minha alma estremeceu

Naquelles prados risonhos
No sorrir de um horisente
Em vivos frisos dourados
Sobre as aguas de uma fonte

Gelado tinha meu peito
Nas crenças desse luar
Tão mimoso anjo do céu
Formosa lua a brincar.

Sam tres horas da manha !
Naquelle rizo pasmei
Qual orvalho matutino
Sobre meu peito não sei,

Tantos gosos nesta vida
Só eu não posso gosar
Gosando meu terno grillo
Nas flôresta achillar,

Passa assim noites inteira
 Não cançando seu chilar !
 Tão pequena e alma pura
 Gosa noites de luar

O' terra do meu Brasil
 Lô canto do Sabiá
 E' morto Gonsalves Dias
 Naquellas fendas do mar

Esse puêta ilustrado
 Leveu a palma na mão
 Na morte croou o sêtro
 E's filho do Maranhão !

O Bairão Alves de Azevedo
 Espada tão cortadeira
 Vez no campo da batalha
 Caxias nobre guerreiro

Miltão um dos grandes Sabio
 No Seu talento mostrou
 Não deixa Gonsalve Dias
 Que de nós Se Separou.

Chanxes gosa commigo
 Nessas noites de luar
 E' filho do Maranhão
 Commigo sabe gosar.

Nos cantos da jurity
 Na brisa que sobre o mar
 Meu peito sente saudades
 Como a lua ataiar !

João da Cruz no teu canto
 Puêta posso chamar
 E's filho do Maranhão
 Comedias pode formar !

A minha terra é tão boa
 Canta muito Sabiá
 Tatu cotia quexada
 Nas matas vamos caçar

A minha terra é tão boa
 Nas noites de um luar
 passamos noites inteiras
 Na terra lyra a cantar !

Minha terra tem palmeira (Dias)
 Nas lua só canto amor...
 São as bella maranhenco
 incantos de mil fulgor.

Nas setas dos meus adejos
 Nos cantos sobre um luar
 Minha terra tem palmeira (Dias)
 Onde canta o Sabiá !

Minha terra tem palmeira (Dias)
 Canta muitas juriti
 Tem pexo das aguas doce
 Vem das partes do munir !

Tem quiabos vinagreira
 Que aqui, se faz coxá !
 Pexinhos da agua Salgada
 E bom vinho cajual

Nessas lua de folguedos
 No cantar da Serenata
 Aqui tambem tem velhacos
 Marchar deve para o prata.

Maranhão 3 de de agosto de 1868.

[EU PERDIDO NESTE MUNDO !

(UM AMIGO.)

Eu fora distante nas matas da terra
 Sin ter um destino
 Gosava na vida as crencas das mattas
 Desgosto sintindo !

Meu peito lutando nas chamas que quemão
 Seguindo o destino !

Num vago regato que as aguas gemião
Seu fado comprindo!

A brisa era cheia sorrindo de amoris
Assim que se vive! ?
Meu peito arquejado sofrendo tormentas,
Saudades eu tive! ?

De aquelles grilhões que prendem minha
alma

No mundo divino! ?
De aquelles Concorcio fiel harmonia!
A vida é ferina! ?

Naquelle alabastro de um fado cruento
E' sorte dô homem! ?
Eu era um acaso esposto no mundo
Com as aguas se somem! ?

Em frente de um morro, bem junto um
vulcão!

A visão deste mundo!
Sua frente era erguida qual frente devina
E eu moribundo!

Que esvoasça sobre as pendulas de um
galinho

Ali sorrindo!
Tange o echo mormurando ati Rosinha
hizei comprindo

Não quisera encontrar um só fantasma
De veste branca!
Ter os labios porpurino em fina tella!
Qual uma santa! ?

Nem cabellos como a pluma que esvoasça!
meu Deos perdão!
Nem fitar no seu olhar tão destimido
A' viração!

Mas no mundo tenho vida e sinto n'alma!
Que Deus criou!
Tenho sangue que circulão um triste thorax
E tenho amor!

Tenho aquella que os céos me deu na
terra!

E outra alem!
Que me aplaca nas tormentas da razão!
Não digo quem!...

Eu tinha sandades da terra de cá
Màs meu pobre peito!
Cravado nas ancias, mil couzas de lá!
De pé no seu peito!

Em frente de morro bem junto um vulcão
A visão deste mundo!
Sua frente era erguida qual frente devina
E eu moribundo!

Eu quizera não ter vida neste vago
Nem ouvir o laborel do meu destino!
Sempre fruindo!
Nem ter vista neste mundo que sorrindo!
E' crivado de fantasma, em sól de pino!
E' meu destino!

Não quizera más ouvir o seu falar
Nem olhar para seu gesto que me atraem!
Sou desgraçado!
Não quizera ter desejo dentro d'alma
So é vida este martirio sei que morro!
Em tuas garras!

Minha vida é desgraçada neste mundo!
E' tão triste como um pé de abilco
Que o raio fulmina!
Que deixando seu aspectro em esqueleto
Assim vive dando o fructo, e tendo apalma!
E' como a morte!!

Um pé secco de um coqueiro d'efoibado
Que esmurrado sem ter fructo é um fan-
tasma

Só vive esposto!
Cada dia representa o seu futuro!

Vai pendida abollar se na masmorra
O' ! Deos ! iugrato !

Maranhão 20 de maio de 1868.

NASSIMENTO,

A' MINHA FILHA AMELIA URGULA EVERTON.

Em vinte um de outubro de sessenta e
cinco

Surgiste no mundo com valor sem par
Desvelastes a infancia de um sofrer can-
çada

Morreste coitada? no seu terno Lar!

Foste tida neste mundo como um raio!
que baixando das alturas fende a terra!
Tão guerreira que tu eras? e alma nobre
Morrer por tua patria em viva guerra!

A nobreza de tua alma só me emvião!
Como aragem fagueira no seu lar!
Que sois tida neste mundo com fulia
Qual anginho torneado sem ter par!

Se nos prados nassem flôres
Se nos céas aragem valla
Sobre meu peito saudades
La nas matas brotão serra!

Naceste em dezafio
Do guerreiro imperador?...
Lançaste n'alma a puezia!
Liberal couservador!

Naceste quando em campanha
Quando o sangue brasileiro!
Naquellas margem do prata
A correr sangue e dinheiro!...

Nessa potencia aliada
Que o brazil aliança deu
Não lembrando do passado
Como Aguirre se vendô!

Estorquir tanto dinheiro
Nô dêo aballo ao brazil
O brazil só tem nobreza
Não lembrando do fuzil!

E' como as aguas do mar
Suas forças vão quebrar!
Sessando o vento rugido
as ondas cescão a rodar!

Naquelles pelago se findão!
Tantos banzeiros do mar
reduzido a esqueleto!
Batida espuma de Sá!

Então brinca em dezafio
do vento a força moral!
Perdendo o vento o talento
Perde o mar Seu agitar!

Foi como dessa querida
Filha do meu coração
Foi do tempo o seu accaso!
Amelia Urgula Evertom.

Foi de nós separar-se deixando saudades
Abitar na terra num repouzo só!...
Falesse o sentir de tantos cuidados
Ses corpo formado como a terra em pó!

Fica em lembrança do ser que no mundo!
debaixo da terra não gosa vintura!
E' qual borbulêta que vuando morre!
Procura na vida sua sipultura!

Maranhão 23 de outubro de 1868.

AO DOMINGO EE PASCUA.

*Por occasião de baptisar, á minha
filha Angelina.*

O tempo calmoso Secando o seu êccho
Gritando no mundo com viva esperança
Rasgando esse manto de fresca harmonia!
Mostrando na vida o rasgo da tella.

Surgindo brilhante rasgando esse véo
No tope da brisa surgindo ligeiro
Gosando na vida tão viva paixão
Domingo de Pascua da resureição!

Tragindo na vida o fio carmim
Qual morto sem vida caído eulão,
Prostrado no tumulo sofrendo semfim;
Não gosa não vivi! só resta paixão;

O Tempo rasgou um vivo dourado
Bramindo nos peitos de um terno cantor,
Cauzando na terra o incencó do mundo
Qual prado nivado de incenços de amor;

Rasgou esse dia um tempo dourado
Mostrando na vida, um sinto de ouro,
Mostrando de prata os frisos do céu,
Tão ricas estrelas, qual forte thesouro;

Maranhão 4 de abril de 1862.

UM PASSEIO NOTURNO NO BACANGA

Em lutava o céos horrorosa noite
Num passeio atroz de um sismar constante
Um tuffão varria o cimo das arvoris
Na montanha um echo! eu tão vacillante;

Procurava a imagem do meu Santo amor,
Que por entre as matas procurou viver,

Profundando as cavas, coração de dôr
A chuva em torrentes sem a luz de amor;

Foi nas flôrestas que calmei delirio,
Entre mil espinhos Soputando a dôr,
Foi por uma ingrata que baixei no mundo,
So portando as creanças na vizão do amor;

Eu vaguei nas serras abitei tão mudo,
Entre negras matas vagalumi em vi,
O cantar agudo da mucura surda
Alegrou-me o canto de uma jariti;

Repiti meus passos vacilante e tremo,
Uma voz tão triste sobre mim passar!
Eu sisme chorando sem o brigo estremo,
olvidou-me o canto de uma pecuapá;

Descantava a imagem prepaçando a briza
Entre campos verdes descantava assim,
Na manhã tão terna nesse céu de anil,
Sô cantar não vi o meu jecamim;

No romper do dia de uma fresca aragem,
No cantar sereno, desse tempo izala
Despertando a aurora n'um sorrir dourado
A minha alma morre! e o coração me estala!

Foi gosar ternura no mador do tempo
A brincar com as vagas no acazo lico,
Revivando as sêtas a sentir no peito,
Clamarei sosinho meu querido Euthico.

No canal Bacanga do Harapapaiha
Gastou-se Somas de sibilas perdidas
Repartida as creanças do canal guariba
Mil e tantos contos forão ali estorquidos.

Regressei noturno no immenço Sollo
Do canal bacanga a contar thesouro,
Despertei minha alma, de uma esfera
um pol.

A contar riqueza só, em possa em ouro

Afil e tantas cifras rebatarão enfim!
 Em samba em vinho gastou-se o dinheiro!
 Nem canal aberto será sempre assim
 Renove-se a impreza para tais ferreiros!

Foi naquellas matas que gastou-se soma!
 Num trabalho triste que a provincia não
 vio!
 Dois millions em samba no eterno sono!
 Pobre cofre geme! nem o canal se abriu!

Maranhão 16 de março de 1868.

A POGRÉZIA.

Neste vacu tremulante em que avida
 Onde a lua beija a terra em pleno véo!
 E' tua alma o luzeiro deste mundo!
 Qual trovão da estampido echo vem do
 céu!

Terminar num longo espessa crente a dôr!
 De alma nobre qual thesouro desta terra!
 E's o guia do planéta viandaz:
 Qual estrella desperçada vem do céu!

E's aplaga do estio cá deste mundo!
 Como o Sol espande e geme o seu clarão:
 Modia terra infeliz terra, ó sorte quando!
 Quando a sorte inclinar se ao Maranhão!

Corre corre e hem ligeiro dessa fonte
 Descarnado viajar não trago o fel!
 Voa longe e lá bem longe desse monte!
 Que o remorço vem do céu como um
 trapel!

Esse aspecto como o mundo aqui na terra
 Como a lua de incanto a li fenesse!
 E' cutello que do alto vibra a serra!
 Como aquello que na terra dismeresse!

De braço se achia o monge no regasso!
 Tão tranquillo no poder que lhe assiste!
 Manejando torpe vida olhe seo lasço
 Não retorça o laborel de tua vida!

E' roubar com talento na vida!
 Quem o puder só nas mãos quer tragar
 Não se importa do trago do fel
 Nem de um sem de uma lira a cantar!

A terçer a chavinha de ouro!
 No ingondo do seu sũvinar
 Vai passando e gosando do Louro!
 Qual cigarra constante aberrar!

Canta canta tão dosse de então!
 Redobrando esse dosse cantar!
 Canta canta tu podes varão
 Recantar qual sigarra sem par!

Vinde vinde jurar no processo
 A justiça ploclama arazão
 Não, não falles, cometes é cesso
 Sobre as horas pouzar tua mão!

Voa terno qual pomba do ar!
 que mimosa não sabe mentir!
 Flutuando nos âres seu estro!
 Nunca pode tal fim conseguir!

Maranhão 3 de junho de 1868.

UM PASSEIO A CAVALLO.

AO RIO DA PASSIENCIA.

De pino ja era a lua lá no céos a dedilhar
 Na terra tudo remoto só no mar ouvi ge-
 met
 Erão as plagas tormentosa, a lua cheio a
 brincar!
 A calir do céu orvalho nas matas erão
 um fulgueto

Naquelles trilhos de arêa! do barrô cai!
 a par?
 Eu trôjava roupa branca na lama cali
 sem mêdo!

Quanto é bello assim a vida, uma vida
 assim vivida!
 De tanta Felosophia na terra, tão malfa-
 dada!
 Eo pobre vuar não posço! bem juntinho
 a minha amada
 De quando em quando lembranda' minha
 vida maltratada!

No rio da paciencia,
 A lua já reveçala!
 A sua fronte pendida:
 Para as partes do puênte!
 Nos deixava n'um fôgnedo
 Nos gosos do pensamento
 Um vasto rio n'patio
 Tão brando, e manço regato!
 Mostrando sembrios mato!
 Em minha alma! Um desalento!

Maranhão 28 de junho de 1868.

AOS INSIGNOS DA RUA DO SOL.

Felicitando os pela a bella luminação!

Na plançe d'um azul e nuvem negra!
 O planêta a sinalado, e já pendido!
 Reveçado sua fronte deste muudo
 Qual erguido pavilhão e destentivo!

Patriotas eilo avante! e tu, Carvalho!
 Nessa rua do sol fendeste o brillho!
 Hes cantado nesse dia a sinalado!
 Oliveira autor das crengas! eu te ademiro!

Oliveira e tu, Carvalho, é um dos ente!
 Que ademiro o torrão patrio á minha terra
 Deos te salve tres vezes, tua sorte
 Minha terra feliz terra hospitaleira!

To serás sempre cantado na rabeça
 Nas cordinhas do autor Francisco iasanno
 Dessa alma generosa em qual remesça
 Eu Saudo os tres autor no dia e anno!

Esse dia foi erguido em pagina douro!
 No Brazil Será cantado em hinno santo!
 Vivão os bravos . . e Coxias que de louro!
 Em riqueza nossas armas qual thescuro

A torrente que do céu curvou na terra!
 Panejando do fuzil de uma campanha!
 Deslojando nesse dia fortes serras!
 tremulando uma estação em qual façanha!
 Lá no céu fenda profunda e tímido êcho!
 Qual trovão raivoso geme estala e Berra!

Cá na terra eu brineava num sorriso!
 E no céu erão fendas qual degredo!
 Sobre a terra um tremor da natureza!
 Que a terra um pobre vate a campa fria!

Qual relampago desfexa o seu assombro!
 Num arado tremulante de ramagem!
 Seus arbustos que erão verdes se desco-
 rão!

Deixa triste como a noite suas folhagem!

No piar de uma coruja desdobrando!
 O terror da triste noite gemedora!
 Lá das fendas erguido moxo piador!
 Qual sipreste colocado na masmorra!

Maranhão 1 de abril de 1868.

SAUDADES DE MEU FILHO

ALFREDO BARROSO.

Debaixo d'os pés, tu traís o mundo! ?
 Na direita mão traçando um livro !
 Na esquerda uma urna dos decretos ! ?
 Severo rebusto é o Deus destino !

No dia vinte e tres do mez Novembro !
 Que fendendo as mangas aguas vae meu
 filho ! ?
 Separados de seus pais, irmãos amigos !
 Abitar em terra estranha com seu Tio !

Vai Alfredo! meu filhinho da benção!
 Vai que hoje! do sepulchro revives!
 Minha esposa! tua mãe! que na inonção!
 Sobre a louca, e hia campã? ha! quanto
 am!l!...

A tropas que o rasto traís filada,
 Na fatal Trosoira que nos corta a vida !
 A cabeça coronada de um sipreste !
 E um pai que te roga, ó Deusa amiga!

IMITAÇÃO.

Alfredo.

Eu vi minha terra
 Fugir-se raivosa
 Atraz de uma serra
 Bem junto do mar !
 No rasgo da brisa
 Sem vento tocava
 No Sino da musa:
 De um litho que amava
 Na mente confusa
 Seu pae que deixava !...

Eu vi minha mãe !
 Que a n.uito baxara !

Na campã dourada
 da terra tão fria !
 Com negros cabellos
 Pairando nos hombros
 Confusos anbellos !
 Por minha partida !
 Na fãsse do mar
 Maysinha querida !

As aguas corrião
 Com véas ardentes
 Naquelle momento
 Em que me lembrava !
 a brisa soprando
 Na mente serrada
 Meu pai carinhoso,
 Maysinha da campã !
 Já sou desditoso ! ?
 Qual frio regalo !

Já vês o pranto que me molha a tella !
 Revela a dôr que meu peito sente !
 E' amor tão puro que me inflama e rala
 E estraga a mente de quem ama crente !

Maranhão, 23 de novembro de 1868.

AOS ANNOS

da Exm.^a Sr.^a D. Maria Fernandes

Se pintar um rosto ameno é meu desejo!
 Simular com essas brisas que hoje brincão
 Ariou-se do horisente um ternô beijo !
 Decantando os annos que hoje facinão !

E's o anjo que do céu vedou a terra
 Neste dia dia cinco de Novembro !
 Nesse dia que a brisa veio sorrindo !
 Campiando tão lagueira aqui na terra !
 E's Maria no acaso a violeta
 E's o Simulo deste mundo parasita !

Saudamos de Maria os ternos annos
 Em novembro no estio a lua é bella!
 Só comparo teus cabellos que som Louros
 Só eu pinto com o pincel da natureza!

Esses olhos que decretão ser luzeiro
 Ser estrella que do céu vejecta a terra!
 Que illumina tão estancão a serração,
 Foi o dia em que Maria aqui nascera!

Maranhão 3 de novembro de 1868:

EU SINTO !

IMITAÇÃO.

-(A pedido)

Como é crível partir, se saudades !...
 E saudades! que meu peito sente...
 E saudades de um crespos cabellos!
 Que me matão constante esta mente!

Nesse dia em que vite formosa!
 Derramando em meu peito uma dôr
 Acendendo esse fogo do vicio!
 No martirio de crengas de amar!

Tu és bella meu bem meu anginha!
 Torna da Santinha do céu!
 Tens um canto que eleva a este mundo!
 Tão galante é teu corpo sem véo!

Esse olhar qual brilhante que sêga!
 Numa noite de triste suidão!
 Esse andar que gemendo eu quizera
 Libertar neste meu coração!

Adens que eu sempre
 Comtigo querida
 Gousar se consente.

a Tua, dosse vida!
 Consente na mente
 No tanto da lira
 ja que vossos olhos
 Matar me queria!

Maranhão 29 de dezembro de 1868.

ADEJOS LIRICOS.

No theatro Sam Luiz do Maranhão.

Bouffes parisiens em bella noite!
 Entre vois primeira dama cantou poupe!
 Nesçe palco-tão febz gozar não pode
 Quando Adelia desmatada cantou troupe!

Foi a noite mais formosa no horizonte!
 Dedilhando lá no céu esçes luzeiro!
 Assim puro, foi teu canto bella poupe!
 Que vergou-se com os orvalhos matotino!

Descreminas nesça teu formoso canto!
 A belleza que em ti se inserra pura!
 E qual noite de luar na minha terra-
 No acaso veio pura a dedubar.

Q teu canto é a visão dos meus amoris!
 Como a lua recambêa a sus fronte!
 Assim pura nesse palco entre mil flôris!
 Qual orvalho de brandura é bello poupe!

E's formosa qual botão no manço estio!
 Soportando a imagnção da natureza!
 En te vejo bella artista nesse palco!
 Tão florida de bondade e de belleza!

São teus ollhos dois brilhantes deste mundo
 Qual sorriso de um luar sem espregão
 Que volvendo sua fronte desta mundo
 Deixa a terra na mais triste Suidão!

Mr aabão 1 de fevereiro de 1868.

O DESMAIO.

Adelia em desmaio por não ser erguida
Essas palmas Santas que os artista tem!
O és tu culpada! Só a natureza!
Não ser tão florida como poupe alem!

Em não vez no manço fabilar do vento!
Como tange as folhas com rogado echo!
Surrando o espaço com temido alento!
E pincel mais puro do acaso incerto!

Quando em certa noite que não tem luar!
Te não vez exposto o clarão da lua
Agitivos raios sem conter Seus brilhos
E Adelia palida esse echo sua!

Qual negra noite no terror das fendas
No todo emtristeçe só buscando horror!
As Segunda dama? és também cantora!
Ao chegando as palmas de que poupe tem

As formosa Adelia não chegando alem!
Otona poupe, qual botão florido,
O és tu culpada em direite quem!
Uma noite incerta um dos teos queridos!

Apintando pura como a borhuleta!
Que adeijando morre no verdor da vida!
O terror tão vago de uma violeta!
Espertando o golpe qual visão querida!

Maranhão 15 de fevereiro de 1868.

SONHOS ?

Terra ó céu ó mar estenço
Neste pelago onde abita uma ilusão!
Es tua poupe estimada aqui por todos
Qual anginho que de Deus recebe abenção!

E's a sombra d'outro mundo bella poupel
Qual anginho torniado acenza um réo!
O teu canto tão sandoso e tão suave!
Qual a noite de iguarias lá no céu!

E's aplaga do acaso hó terno irmão!
Qual roseira carregada de botons!
E's o anjo desta terra vezes quam!
Qual perilampo pragueijando seu fusil!
Nos da vida numa vida vezes sam!
Nesças crenças de folguedos vezes mil!

E's tão doce! qual constante borhuleta
Que adejando após da luz morre quemada
Assim pura é bella poupe não se emverta!
Só emfim em pó terra em siaza em nada,
Quando a morte te cortar o fio da vida
Colocado nêssa campa irei chorar!

E's a rosa no verdor da mocidade
Que corada no arado abraça o orvalho!
Rebentando sua crença em qual botão!
Deixa um vate n'fuzil d'falso malho!

E's o canto deste mundo, e lá no céu!
E's o anjo que descanta a mansa brisa!
Em minha alma és a Sêta tão aguda!
E na mente és a sombra que meguia!

Maranhão 20 de fevereiro de 1868.

TERCEIRO CANTO ADELISTA.

Se Adelia foi cantada nesco palco!
Foi florida de boquet: e de louvoris!
Na pureza tão christal dos meus amoris
Guilhimé meresçe palma e tem primoris

No puêta Sam tres cousa de puêzia
A voz prima que retomba seu canhão!
Nas campina violeta e parasita
E' aquella que nos rouba o coração!

Esse canto que fectou todo em minha alma
 Qual relampago desfeza nua estação !
 Rasga a tella de uma vila tão preciosa !
 O teu canto Guilhemê de coração
 Brotara dentro em minha alma forte serra!
 Nessas serras tem palmeira ó Maranhão !

É's a pura violeta do acaso,
 Resebendo a branda gouta da estação !
 Renovando seus arbustos alentados
 A paixão no peito doi no coração !

A mulher é um fido deste mando !
 É uma corda sençivel que nos prende !
 É abelha internicida nos seus gosos
 Qual batel em - maçoas aguas correndo
 fende !

Será poupa decantada em hinno santo !
 Nas vertodes que te cobrem videntes
 És alua lá do céu do firmamento !
 És o tona ofarol de minha vida
 Que intercalar só querias meu amor;
 És asombra rechua ! ó ! sim querida !

Maranhão 23 de fevereiro de 1868.

AOS ANNO DE MEU AMIGO

O Sr. Germino Martins de Assunção

Felicito ao bom portoguez
 Germano Martins de Assunção
 Sua alma qual pomba innocente
 No semblante retracta Sangão !
 Desse genio tão grande no mundo
 Alma pura e fiel coração ?

Foste em onze de maio libertado !
 O estrella gentil portuguesa
 Nesses annos que as éras passadas
 Absolvão gentis camponeza !

Tua terra natal decantada
 Quando infante sorris nos labios.
 Quando ergueste na terra o incenço
 E do vinho bebendo um bom calix!

Quando a brisa então desabando !
 O devino Sorriso do dia !
 E as aguas borbullhavão gemendo
 Hir quebrar-se nas vagas se ouvia !

Amanhã foi coberta de um véo !
 Um véo branco de orvalho na terra !
 E as vagas tão timidas do céu !
 Sobre a terra o geledo cahia !

Maranhão 8 de maio de 1868.

O DIABINHO !

DEDICADO A DONA L.

Diabinho deste mundo
 Diz-me sim, não diz-me não !
 O gemer desçes teus olhos
 Só me faz não ter razão !

Vivo por ti esquecido
 No mundo da maldição
 Teus olhos menina è bello !
 Que me fas, não ter razão !

Se durmo em ti sou crente !
 Re-tractando esses taus intimos
 não vivo nesses momentos
 Durido qual sol de pino !

Esses reverçar de olhos
 parecem do mundo a seta !
 que tão cruel vem ferir !
 Na mente d'um poeta !

Más que importa meu Deus !
 Si preso della me vi !

na tarde dos meus desejos /
Que vi seus labios sorri !

De vêr sua fina tella
Qual tella do céu de anil,
Comparo qual rosa Santa !
No jardim de vezes mil !

Seu corpo de côr morena
que entrecalar no meus olhos
me trazem a mente perdida
por ti gemo e por ti chora !...

Seu corpo delgado izala
boromas que vem do céu
que fendendo a terra impura
dando vida a quem morreu !

Maranhão, 12 de novembro de 1868.

SAUDADES.

Eu sinto às vezes
Nesta cidade
Das minhas flôris
viva saudade !

Das minhas noites,
do meu luar
o céu as vezes
Faz-me lembrar !

Pareço as vezes
Vêr a canôa
Correr mansinha
Sobre a lagôa....

Tambem pareço
Ouvir d'aqui
o lerno canto
da jurity.....

ou ver nas mattas
Sobre a palmeira
As flôris roxas
Da trepadeira !...

Alí que me illudo !
Para illusão !...
Só tem saudades
Meu coração !

Às vezes triste
Schismando átôa
Choro e heindigo
Vida tão bôa !

Se as vezes sonho
Qu'estou dormindo
O pranto e a sisma
Vão-me fugindo !

Mais se desperto
Do meu lethargo
Encontro a taça
Do fel amargo

Então devêras
Busco dormir
Para as saudades
Menos sentir !

Pois só dormindo
Posso ter calma
Do fogo ardente
Que sinto n'alma !...

Rio 7 de setembro de 1862.

C. A. S. SANCHEZ.

MINHA INOCENCIA.

...let o ne chiss en your pale
 May And Those once so warme
 my heart!

Lord Byron.

Se no carcere de amor, agrilhado,
 Rendido te offereci meu coração;
 Perdôa, anjo do céu, anjo adorado,
 Perdôa esta crise affeição

Se arrojado fui em amor fallar-te
 Perdôa, anjo de Deos, foi iluzão;
 Se é licito na terra um peito amar-te,
 Oh! dai-me o teu perdão!

Se tomei por farol a sombra tua
 Nos doirados sonhos da existencia;
 Talvez que ella brilhasse mais que a lua;
 Perdão! pura innocencia

Se nas trevas do mundo, delirante,
 A imagem tua procurei, sonhando;
 E' que este peito meu—á cada instante,
 Perdão! morre te amando!...

Se busco oh! meu anjo amar-te em vida
 E se eu, louco de amor, sonhei contigo,
 Foi porque já no fim de tanta lida
 Achei n'um peito abrigo!...

Se a magica lanterna do dezerto—
 Errante a procurar-te se apagou;
 Perdão, querido anginho, um vento incerto
 Na luz della passou!

E agora que sem luz a que vagueio
 Trazendo aos hombros d'martyrio a Cru
 Tirai-me diva estrella d'este enleio;
 Perdão!—dame tua luz!...

Rio 4 de novembro de 1862.

FIM.

BIBLIOTHECA PUBLICA
 do
 ESTADO DO MARANHÃO

ERRATA.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Não pouco cuidado na collocação dos numeros correspondentes ás notas do
factor são devidos os erros e faltas, que vão em seguida notados.

PAGINA 6.

- Linha 1^a—palavra—*b icado*—leia-se o n. 2.
- “ 12^a—no fim leia-se o n. 3.
- “ 18^a—palavra—*amarellos*—o n. 4.

PAGINA 7.

- Linha 32—palavra—*America*—o n. 5.
- “ 34—palavra—*Nordkyu*—o n. 6.
- “ 35—palavra—*Fez*—o n. 7.
- “ 41—palavra—*Abril*—o n. 8.

PAGINA 8.

- Linha 3—palavra—*junho*—o n. 9.
- “ 11—em logar de 2—leia-se 10.
- “ 15—em logar de 3—leia-se 11.
- “ 33—em logar de 1—leia-se 12.
- “ 34—em logar de 2—leia-se 13.
- “ 35—em logar de 3—leia-se 14.
- “ 37—em logar de 4—leia-se 15.

PAGINA 10.

- Linha 10—depois da &—leia-se 21.
- “ 13—em logar de 21—leia-se 22.

PAGINA 11.

- Linha 4—em logar de 29—leia-se 23.
« 10—em logar de 30—leia-se 24.
« 21—em logar de 31—leia-se 25.
« 25—em logar de 32—leia-se 26.
« 34—em logar de 33—leia-se 27.
« 36—em logar de 34—leia-se 28.

PAGINA 12.

- Linha 2—depois de—dez—o n. 29.
« 17—em logar de 35—leia-se 30.
« 26—em logar de 36—leia-se 31.
« 42—em logar de 37—leia-se 32.

PAGINA 13.

- Linha 8—em logar de 39—leia-se 33.
« 15—em logar de 39—leia-se 34.
« 22—no fim—leia-se 35.
« 34—em logar de 40—leia-se 36.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

PAGINA 14.

- Linha 13—em logar de 41—leia-se 37.
« 19—em logar de 42—leia-se 38.
« 35—em logar de 42—leia-se 39.
« 40—em logar de 43—leia-se 40.

PAGINA 15.

- Linha 11—em logar de 44—leia-se 41.
« 12—em logar de 45—leia-se 42.
« 28—em logar de 46—leia-se 43.

PAGINA 16.

- Linha 3—em logar de 47—leia-se 44.